

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação

A Arquitectura do Bairro dos Alemães, em Beja
Os Equipamentos Públicos do Plano de 1960

Catarina Dias Faustino Pinho

Orientador(es) | João Barros Matos
Rui Mendes

Évora 2021

A ARQUITECTURA DO BAIRRO DOS ALEMÃES, EM BEJA
Os Equipamentos Públicos do Plano de 1960

Volume II
ANEXOS



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
Escola de Artes | Departamento de Arquitectura
Mestrado Integrado em Arquitectura

ORIENTAÇÃO
Professor Doutor João Barros Matos
Professor Arquitecto Rui Mendes

Catarina Pinho

Évora, 2020

ÍNDICE

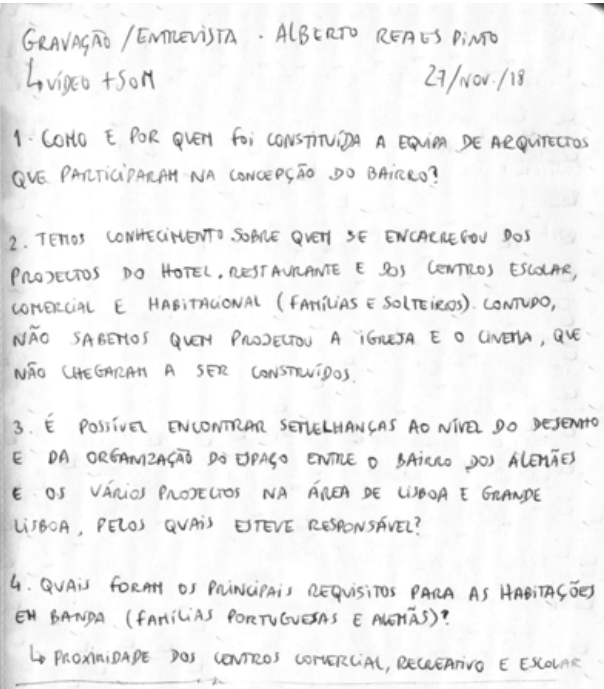
Volume I

1.	INTRODUÇÃO
2.	ENQUADRAMENTO
2.1.	A cidade de Beja
2.2.	O Bairro dos Alemães
3.	O PLANO DO BAIRRO
3.1.	Estrutura e zoneamento
3.2.	Equipamentos
4.	CASOS DE ESTUDO
4.1.	Olivais Norte
4.2.	Olivais Sul
4.3.	Bairro de Nova Oeiras
4.4.	Hansaviertel
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS
6.	BIBLIOGRAFIA

Volume II

6	7. ENTREVISTAS / CONVERSAS
	7.1. Alberto Reaes Pinto
	7.2. Alfredo Campos Matos
	7.3. António Guerreiro
	7.4. Pedro Botelho
22	8. DESENHOS DE ARQUIVO
44	9. PUBLICAÇÕES SOBRE O BAIRRO DOS ALEMÃES

A presente dissertação de Mestrado foi elaborada segundo a Norma Bibliográfica “Chicago 15th A” e não respeita o Acordo Ortográfico de 1990. Todos os elementos gráficos deste documento foram produzidos pela autora, com base em interpretações provenientes da investigação, bem como cartografia e levantamentos *in situ*. Faz parte desta dissertação o volume “**A Arquitectura do Bairro dos Alemães, em Beja – Os equipamentos do Plano de 1960**”.



7. ENTREVISTAS

ALBERTO REAES PINTO

ALFREDO CAMPOS MATOS

ANTÓNIO GUERREITO, LABORATÓRIO “TORRE PARA SOLTEIROS”

PEDRO BOTELHO, LABORATÓRIO “TORRE PARA SOLTEIROS”

ENTREVISTAS

ALBERTO REAES PINTO, Novembro 2018

ENTREVISTADO:	Arquitecto Alberto Reaes Pinto (Autor das habitações em banda do Bairro dos Alemães)
ENTREVISTADORES:	Rui Mendes e Catarina Pinho (Professor Arquitecto e aluna da Universidade de Évora, respectivamente, no âmbito da investigação sobre o Bairro dos Alemães, em Beja.)
DATA:	27 de Novembro de 2018
LOCAL:	Universidade Lusíada de Lisboa
GRAVAÇÃO:	Vídeo e Áudio



Tem alguma coisa publicada sobre os edifícios do Bairro dos Alemães?

Não tenho nada. Há uns tempos fui lá aquando da visita que a ordem dos arquitectos organizou para vermos a obra do Keil do Amaral e foi quando vi as habitações que já não via há anos e achei o tecto de entrada um bocadinho baixo. Nós púnhamos a cortiça à vista e depois dávamos um verniz para o pó não cair, mas achei que faltavam dez centímetros. Eu fiz este projecto entre inúmeras coisas que estava a fazer simultaneamente. Fiz cerca de dez mil fogos – Santo António dos Cavaleiros (3000); Quinta do [?] (cerca de 2000); Vialonga, Laranjeiro; Cascais; entre outros. E, portanto, isto foi um convite que me fizeram através do professor urbanista Costa Lobo. Nessa altura, o arquitecto Jácome da Costa trabalhava comigo (e durante muito anos) e eu fiz isto muito depressa, um pouco influenciado pelo projecto que tinha feito em

Santo António dos Cavaleiros e, por isso, foi tudo pré-fabricado, e a organização dos fogos foi muito parecida. Tenho uma série de protótipos em Santo António dos Cavaleiros, várias categorias e cada categoria tem uma tipologia – t0, t1, t2, t3 ou t4. Tenho impressão de que o que fiz no Bairro [dos Alemães] foi só uma banda que, aliás, em vez de pintarem com o castanho que eu tinha escolhido, foram pôr de branco. Não me lembro se fiz uma ou duas bandas. E na última vez que os vi, as platibandas estavam pintadas de branco.

E o Costa lobo colocou-lhe alguns objectivos ou restrições?

Não, o que me ficou mais na memória foram as janelas que eram oscilobatentes, porque na altura era uma coisa completamente inédita. E foi tudo feito depressa.

E lembra-se dos outros convidados?

Não, já nem me lembro dos nomes. Não tenho a certeza se o Jácome da Costa tem alguma coisa de arquitectura [no bairro].

Não se lembra de nada sobre os alemães nesse processo?

Não, porque eu fiz o projecto, enviei-o e poucas sessões tive em conjunto [com os restantes elementos]. Na altura sabia quem é que estava a fazer os outros projectos, mas já foi há muito tempo. Em 1964, quase que não dormia. Tinha uma equipa em França de pré-fabricação, com engenheiros, desenhadores de moldes, desenhadores de painéis, medidores orçamentistas... E tinha outra cá. E ainda ia duas vezes [por semana] a Santo António dos Cavaleiros. Foi nessa altura que arrancou o bairro.

E o Engenheiro Costa Lobo conhecia esse trabalho e convidou-o por esse motivo?

Sim, exactamente.

Trabalhou com o arquitecto Keil do Amaral?

Trabalhei com o Tainha, Keil do Amaral e com o [?]. Só especiais de corrida. Também estive no atelier do Alvar Aalto, mas só de passagem. Trabalhei com o Keil do Amaral em 1972, depois dos projectos do bairro.

ALFREDO CAMPOS MATOS, Dezembro 2018

ENTREVISTADO:	Arquitecto Alfredo Campos Matos (Autor da Galeria Comercial do Bairro dos Alemães)
ENTREVISTADORES:	Rui Mendes e Catarina Pinho (Professor Arquitecto e aluna da Universidade de Évora, respectivamente, no âmbito da investigação sobre o Bairro dos Alemães, em Beja.)
DATA:	22 de Dezembro de 2018
LOCAL:	Lisboa
GRAVAÇÃO:	Vídeo e Áudio



Alfredo Campos Matos - Eu tinha tido uma bolsa da Gulbenkian para fazer uma grande viagem pela Europa, de automóvel, na altura em que isso ainda era possível. Fui com a minha mulher e fomos até à Finlândia para vermos tudo o que eram cidades novas [na Europa], sobretudo na Inglaterra. La fiz essa viagem toda. Visitei as cidades novas todas, desde a Escócia até lá abaixo. Quando cheguei a Portugal, uns meses depois, o Costa Lobo perguntou-me se eu não queria participar no plano de urbanização da base de Beja. E fiz então a arquitectura das lojas, que gostei muito, com toda a liberdade. E fiz também o plano de urbanização do centro (provavelmente) que, infelizmente, não se cumpriu todo. **Portanto, aquele plano que inclui a torre, as galerias comerciais, a casa alemã e o hotel do Keil do Amaral foi o arquitecto que desenhou?**

Sim, fui. E depois fiz a arquitectura das lojas.

E a igreja?

A igreja não chegou a ser feita. Era muito bonita e dava ao conjunto uma unidade. Mas não me lembro do nome do arquitecto.

E o cinema, que também está no plano?

Não me lembro. O centro [comercial] resultou muito bem. Simplesmente, nunca o vi a funcionar como lojas, mas sim como aulas.

E nesse momento, em que o Costa Lobo o convida, convida logo para fazer esse plano da zona central?

Exactamente.

E depois, dentro da zona central houve vários arquitectos que entraram...

Exactamente, escolhidos por ele. Trabalhávamos noite e dia. Tínhamos um andar todo por nossa conta, alugado pela CANIFA, aqui em Lisboa.

Mas foi um atelier montado pela CANIFA? Só para este trabalho?

Sim, perto da Casa da Moeda, num 4.º andar, só para este trabalho, que era muito grande, onde estava também o arquitecto Rosa Mendes.

Também acompanharam as obras?

Sim, claro. Isto foi uma coisa única em Portugal.

ANTÓNIO GUERREIRO, Junho 2018

CONVERSA:	Ensaísta e Crítico Literário António Guerreiro
ÂMBITO:	Laboratório "Torre para Solteiros"
DATA:	Junho de 2018
LOCAL:	Casa Alemã, Beja
GRAVAÇÃO:	Áudio

António Guerreiro - Em termos técnicos e teóricos, sei pouco de arquitectura. E talvez irei falar mais de urbanismo do que de arquitectura.) Gostaria de fazer uma observação biográfica e que me ocorreu agora, vindo de Évora (que foi o meu lugar de origem). Lembrei-me que em todo o meu percurso escolar (básico e secundário), só fiz uma visita de estudo - eufemismo para uma espécie de excursão. Isto, num momento em que a escola era, de facto, uma “coisa pesada” cheia de obrigações, deveres e, sobretudo, tratava-se de uma escola de província (alentejana). E a única visita escolar que eu fiz, com a pretensão de ser uma visita de estudo, foi precisamente a Beja. Esta era já uma experiência de alguma envergadura, tendo em conta que eu vivia praticamente numa aldeia. Portanto, vir a Beja era vir à cidade, de alguma maneira. Tenho a impressão de que quem me trouxe a Beja não me deu a ver Beja, muito menos o Bairro dos Alemães. E eu não sabia olhar para uma cidade - e isto é importantíssimo pois olhar para uma cidade é uma aprendizagem complicada que, evidentemente, as pessoas que nasceram na cidade não sabem o quão complicado é olhar para ela, isto é, aprender não só a olhar, a ver a arquitectura, a disposição dos edifícios, as fachadas e, sobretudo, a orientar-se na cidade. É uma aprendizagem difícil - muito mais difícil do que parece, à primeira vista. E hoje já tenho a pretensão de saber andar na cidade, saber olhá-la e saber orientar-me. Tudo isto para dizer que esta aprendizagem da cidade corresponde mais ou menos, ou tem semelhanças ou analogias com a aprendizagem de uma língua estrangeira. E, uma das metáforas provavelmente mais produtivas para analisar a cidade é a metáfora da língua ou a metáfora do texto. A cidade é um texto! E esta metáfora da cidade como um texto parece-me ser uma das metáforas mais pertinentes e mais produtivas para a análise de uma cidade - de tal modo que, a partir desta ideia, aquilo que nós encontramos, todos os elementos da cidade, ou seja, a maneira como os elementos da cidade se articulam, funcionam como frases. E, por sua vez, essas frases articulam-se em unidades menores que são, digamos, os vocábulos. E estes, provavelmente, ainda se articulam em unidades menores que são os fonemas da cidade, que correspondem a esses signos quase indecifráveis, mas de que a cidade está cheia.

Mas entremos, então (deixemos estes elementos menores), e detenhamos nessa unidade maior que é o texto ou a frase, enquanto metáfora da cidade e que, de resto, produz também outra metáfora muito produtiva que deriva dela, que é a cidade como um palimpsesto. Continuamos ainda na mesma sintonia, na mesma isotopia textual, quando falamos na cidade desta forma. Quanto mais velha é uma cidade, quanto mais velhos são os estratos, mais rico, evidentemente, é o palimpsesto. Na cidade de Beja há lugares em que somos obrigados a olhar para baixo para ver a verticalidade da História e de como ela é espacializada no próprio momento em que nós a vemos, e essa espacialização torna-se numa litoralização da cidade. Se olharmos para a cidade como um texto, temos de a compreender como tal. Uma cidade fala uma língua. E, este pedaço de cidade com que somos confrontados, é de uma cidade que fala uma língua estrangeira. É evidente que o facto de se chamar Bairro dos Alemães ajuda bastante a esta conclusão, embora exista todo um conjunto de sinais - uma gramática generativa própria deste bairro que nos diz que estamos perante uma língua estrangeira, ou melhor, duplamente estrangeira. É estrangeira em relação ao português, como língua nacional, mas também é estrangeira em relação àquilo do que seria a língua propriamente da cidade alentejana - a cidade de Beja. E, portanto, há aqui uma ideia de contraste e de confronto que deriva de um determinado espaço falar uma língua diferente. Resta saber se estamos em condições e se sabemos decifrar ou ler esta língua - uma cidade é um conjunto de signos legíveis.

A palavra 'urbanismo' é um neologismo criado no século XIX por um engenheiro catalão chamado Ildefonso Cerdá que, em 1867, definiu assim, o urbanismo na sua teoria geral de urbanização. Dizia ele que o urbanismo é a ciência dos espaços que servem para o repouso e o movimento dos homens. É muito interessante verificar que o urbanismo aparece e desenvolve-se em concorrência com a arquitectura clássica, na época em que a democracia política representativa se torna numa aspiração de massa e em que o sufrágio universal se impõe. A cidade clássica, como sabemos, é formada a partir de um centro e vai-se organizando em bairros, em sectores que se desenvolvem a

partir desse centro e que se vão distanciando dele, e que são, evidentemente, de qualidade urbana desigual. Portanto, o urbanismo tem qualquer coisa que ver simultaneamente com uma ideia de burocracia, com um certo princípio de igualitarismo democrático e, sobretudo, com uma exigência de racionalização do uso dos espaços. A ideia de racionalismo é importantíssima na arquitectura do século XX. É quase um nome de um movimento da arquitectura e, portanto, todo o urbanismo moderno torna-se, por via desta exigência racionalista, uma espécie de horizonte inultrapassável de um modo de habitar a cidade propriamente moderna. E por moderno, quero dizer que satisfaz exigências modernas que um indivíduo coloca que são da sua individualidade - do seu egoísmo, isto é, ter a sua autonomia, vida própria, privacidade. Por exemplo, quando chegamos a Veneza, percebemos que ninguém ali consegue viver de acordo com estas exigências do individualismo, e a cidade não permite qualquer espécie de clandestinidade. O modo de habitar moderno - esse, sim, permite.

Estamos perante um bairro que tem uma torre chamada 'Torre para Solteiros' (é um nome que nos faz rir, certamente). Em primeiro lugar, solteiro não é propriamente uma condição de sujeito, ou seja, num ambiente onde o núcleo principal totalitário é a família, ser solteiro é uma espécie de ser um não-sujeito. Esta torre foi edificada num lugar onde ser solteiro era ser não-sujeito. Portanto, esta torre tem qualquer coisa de paradoxal e uma ideia de confrontar o ambiente envolvente com uma outra forma de vida completamente diferente, em que esta condição podia ser uma condição reconhecível e com uma certa dignidade, com direito à habitação. Aqui há um lugar próprio para os solteiros e estes tornam-se numa espécie de sujeitos da história deste espaço urbano.

A primeira “estranheza” é conceder ao solteiro uma condição quase de sujeito da história. A segunda é ser uma torre, isto é, um elemento vertical (uma torre com os seus limites). O facto de ser nomeada 'torre', em si, já é importante pois é qualquer coisa que é edificada na vertical, num ambiente onde o regime é o da horizontalidade - a planície alentejana. Tudo aqui é horizontal e, de repente, há uma torre (que é vertical). Isto cria, também,

em si mesmo, um contraste bastante forte e, evidentemente, é um texto que fala uma língua estrangeira. Portanto, nesta língua estrangeira, aparece um vocábulo próprio da verticalidade numa língua que é toda ela virada para a horizontalidade.

Esta torre está inserida num determinado bairro com muitos outros edifícios, mas o que se destaca aqui é mesmo a torre - é o centro deste bairro, digamos assim. É o lugar de observação privilegiado e, provavelmente, do alto da torre ter-se-á uma vista sobre a cidade e uma espécie de domínio sobre esta. A torre, de alguma maneira, domina a cidade - uma torre para solteiros domina a cidade de gente casada (é curioso). Evidentemente, todos conhecem aquele célebre texto de Henri Lefebvre, de 1968, chamado “O direito à cidade”, que foi quase uma espécie de manifesto, numa altura em que a cidade tradicional, ou melhor, a cidade histórica estava a ser já dilacerada e devastada (do ponto de vista de Lefebvre). Este texto tem cinquenta anos e foi muito evocado; é um texto clássico fundador de uma longa bibliografia sobre os perigos a que a cidade está exposta, sobretudo na época do turismo. Eu diria que este bairro e esta torre não respondem tanto a esta exigência do direito à cidade, mas respondem a uma outra exigência, que me parece interessante, que é o desejo de cidade.

Quem edificou isto fê-lo a partir de uma ideia de desejo - uma cidade diferente da cidade de Beja, que era uma cidade que não conseguia proporcionar aquilo que o desejo de cidade moderna podia facultar. Evidentemente que este desejo de cidade a que corresponde esta edificação pressupunha ou pressupôs um corte radical - uma descontinuidade em relação ao resto da cidade, e pressupôs também uma espécie de ilusão, qualquer coisa de imaginário, como se isto fosse um espaço construído ao lado de uma grande metrópole. Este desejo de cidade que encontramos aqui é o desejo de uma cidade tranquila ao lado de uma grande outra que promete e nos oferece toda aquela vida nervosa própria, ou seja, este bairro, tal como foi edificado e segundo o modelo da cidade jardim tem sentido como lugar alternativo de repouso em relação a uma grande metrópole, mas não tem muito sentido neste caso, e é o que faz dele uma coisa

extremamente poética, pois não obedece a nenhuma finalidade. No fundo, parte de um imaginário - não tem nada que ver com a realidade da cidade. Em Lisboa, Olivais pode ser um modelo que permite o melhor de dois mundos - estar próximo da excitação da cidade e, ao mesmo tempo, da tranquilidade e do jardim para poder repousar. Em relação àquilo que seria a cidade de Beja, que não era propriamente uma urbe que nos facultasse tantos momentos de excitação urbana no sentido da grande metrópole, este lugar dito como alternativo ou de busca de uma certa tranquilidade não faz grande sentido.

Provavelmente, quem concebeu este bairro chamado Bairro dos Alemães tinha um outro modelo de cidade em mente pois quis implantar qualquer coisa de muito artificial mas que, ao mesmo tempo, a sua artificialidade se tornou extremamente interessante precisamente por causa disso - mas que, no fundo, não corresponde a nenhuma exigência urbana da cidade de Beja nem das suas possibilidades de oferta. Assim, seria mais típico e convencional que os alemães, tentando implantar-se aqui, se organizassem de maneira a ocupar uma parte da cidade ou ocupar qualquer espaço tal como ele existia, ou tentassem construir qualquer coisa que fosse de acordo com a cidade existente. Pelos vistos, não foi isso que fizeram - construíram um bairro de raiz que tem a particularidade de não ofender. É um objecto e um espaço urbano interessante - é uma língua interessante.

Quem concebeu esta cidade tinha na cabeça um modelo de vida completamente diferente do modelo de vida alentejano e de uma cidade como Beja. Por isso é que eu fiz referência, inicialmente, ao urbanismo - a esse neologismo e a esse conceito que nasce no século XIX, século burguês, que responde a um novo estilo de vida que é o estilo de vida moderno em que as exigências de pessoalidade, de individualidade e de privacidade são muito fortes. É evidente que este bairro, de alguma maneira, foi construído (um pouco) para responder a essa exigência. E a torre dos solteiros é o epitome máximo da resposta a essa exigência, ainda por cima com esse nome fabuloso. Não há condição mais individualista, mais egoísta e mais personalista do que essa condição de solteiro.

O espaço de diversão à volta foi construído de maneira a satisfazer um certo tipo de vida que, certamente, Beja não estava em condições de satisfazer, como por exemplo a cervejaria - é um espaço de outra natureza, completamente diferente da taberna alentejana, que permite acolher muitas pessoas e, consequentemente, uma exigência de anonimato.

Depois da metáfora do texto, esta metáfora da verticalidade parece-me ser muito importante. Eu recordo-me dos arranha céus, que não é o caso desta torre, embora, à escala de Beja, de certa maneira, já se pode considerar quase tão polémico como um arranha céus pois estes têm também uma história muito complicada. Correspondem aos delírios mais excêntricos do homem moderno e, nas últimas décadas (mesmo no último meio século), os arranha céus tornaram-se coisas (não direi obsoletas), mas aquela euforia desapareceu completamente e eles tornaram-se sempre edifícios polémicos em todo o lado onde foram construídos. Estou a lembrar-me, por exemplo, de Rem Koolhaas, que fez uma visita a uma cidade francesa (Bordéus), onde é presidente da câmara o Alain Juppé (que já foi primeiro ministro francês), que pensava construir em Bordéus uma torre e Koolhaas fez um discurso muito “inflamado” a desmobilizá-lo da ideia de construir essa grande torre, dizendo-lhe que essa ideia das torres e dos arranha céus estava esgotada no urbanismo contemporâneo. Já não se admitia mais esse sonho, muito menos nas cidades históricas, como é o caso desta cidade.

la falar-vos também de um texto muito famoso, do princípio do século XX, de um grande sociólogo, que foi quase o fundador da sociologia moderna, que é o Georg Simmel. Um texto que se chama “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903) e que continua a ser focado como um texto fundador, onde o autor define e analisa, ainda em plena euforia da modernidade e quando surgem as grandes metrópoles (como Paris, Berlim, Londres...), aquilo que seria a condição do homem moderno na grande cidade e, assim, define a vida na grande metrópole como uma vida onde o indivíduo, desde o momento em que sai até ao que entra em casa, é submetido a uma quantidade de choques contínuos - é uma vida de excitação permanente. Uma vida em

que o indivíduo está submetido a estímulos que não param, a não ser quando a pessoa, depois, encontra o seu refúgio doméstico. Há uma série de conceitos do Simmel a partir daí e, sobretudo, a ideia de vida nervosa, sendo que nervoso, aqui, não tem um carácter propriamente negativo ou pejorativo - é qualquer coisa que existe, que provoca entusiasmo. Esta condição é própria da vida moderna nas grandes metrópoles, que é uma aprendizagem que o homem moderno faz no final do século XIX e no princípio do século XX.

Há, ainda, uma célebre obra inacabada de um filósofo alemão chamado Walter Benjamin que se chama “Paris, capital do século XX”. Ele não analisa Paris do século XX, mas sim Paris do século XIX, com a ideia de que Paris do século XIX é uma antecipação daquilo que vai acontecer no século seguinte e, portanto, Paris do século XIX corresponde a uma época que já sonha com a época seguinte, isto é, a época das grandes metrópoles. Neste sentido, por exemplo, as passagens parisienses seriam uma antecipação e um sonho ou uma fantasmagoria daquilo que são hoje os grandes centros comerciais.

Porquê falar no texto do Simmel? Porque, evidentemente, ele pertence a uma constelação muito alemã e quem frequentou ou quem conhece um pouco das cidades alemãs e de alguns dos seus signos, consegue encontrar, neste bairro, correspondências várias. E não apenas correspondências formais, mas correspondências no tipo de vida que proporciona uma cidade deste tipo que, claramente, seria uma vida muito mais alemã do que uma vida portuguesa, e muito menos uma vida alentejana. Foi neste sentido que falei, inicialmente, deste texto urbano como um texto escrito numa língua estrangeira, por mais que hoje consigamos “aportuguesar” alguns dos vocábulos ou alguma da gramática própria deste texto urbano e do modo como ele se gerou.

Rui Mendes - Gostava de falar sobre duas coisas que me pareceram interessantes para a discussão. Uma tem que ver com a questão do anonimato, que este modelo pode traduzir, em confronto com outros. Lembrei-me de alguns autores - Ignasi de Solà-Morales, que produziu, nos anos noventa, um texto, também muito famoso no meio da arquitectura, que se intitula de “Terrain Vague” - fala sobre os terrenos vagos. Uns anos depois, os espanhóis Ábalos

& Herreros pegam nesse conceito para produzir um outro, em sequência e em discurso com este - “Áreas de impunidade”, onde associam a ideia de terrain vague a qualquer coisa que permite esse anonimato por via de um uso incomum, de uma certa possibilidade de fazer coisas “ilegais”, não vigiadas. Estes dois conceitos em sequência surgiram porque o uso dos terrain vague começou a ser monofuncional na época mais recente - a ocupação dos espaços vazios e o seu preenchimento como uma coisa negativa. Por outro lado, esta ideia das áreas de impunidade tentava preservar um pouco essa existência de um certo doseamento daquilo que é super racional e ocupado em conjugação com aquilo que pode ser mantido como espaço livre - uma certa proposta de não-ocupação.

AG - Falando em termos menos teóricos, quem concebeu este bairro pensava num estilo de vida completamente diferente do estilo de vida que Beja alguma vez podia proporcionar. Portanto, a ideia de um certo anonimato, de uma certa impessoalidade, os encontros casuais tornavam-se muito mais acessíveis num bairro deste tipo do que na cidade clássica.

PEDRO BOTELHO, Junho 2018

CONVERSA:	Arquitecto Pedro Botelho
ÂMBITO:	Laboratório "Torre para Solteiros"
DATA:	Junho de 2018
LOCAL:	Casa Alemã, Beja
GRAVAÇÃO:	Áudio

Pedro Botelho - (...) No meio dessas vindas e idas [a Beja], lembro-me de ter surgido essa história do Bairro dos Alemães. Eles (os alemães) vinham e ia-se construir uma cidade para os estrangeiros. A cidade foi feita pelo engenheiro Costa Lobo. Aconteceu algo interessante no urbanismo em Portugal, no século XX. Depois dos pombais, dos regimes constitucionalistas que fazem as cidades dos quarteirões das avenidas - Avenida da Liberdade, por exemplo - aparece um terceiro grande momento em que o governo faz, no período de 1930 a 1960, ruas com paralelepípedos (ainda há restos aqui). Quase todas as cidades em Portugal tinham as entradas em paralelepípedos - a chegada de Beja ainda deve ser. Em Lisboa, que é o que conheço melhor, fazem uma grande parte dela que vai da Alameda Afonso Henriques à Avenida do Brasil, parte essa a que podemos chamar de “os Alvalades”. Esta parte da cidade é pensada no seguimento de um plano de um urbanista chamado Étienne de Gröer, que trabalhou em várias cidades. A relação com o urbanismo francês é uma relação que só se desfaz depois, quando Inglaterra, Holanda e Itália começam a ter alguma importância. E o urbanista de Lisboa, que é o Faria da Costa, faz o curso no Instituto de Urbanismo, em Paris, onde, a seguir, fez o meu pai. E há, assim, uma espécie de seguimento de urbanismos de arquitectos que se tinham seguido aos urbanismos dos engenheiros.

Ressano Garcia, o engenheiro das Avenidas novas, desenha praticamente tudo o que vai da Alameda à Avenida do Brasil. E esse desenho é depois preenchido com várias intervenções parciais, como o Bairro das Estacas, projectado pelo Sebastião Formosinho e pelo Ruy d'Athougua; o Bairro de S. Miguel, que é feito pelo Jacobetty Rosa; os troços da Avenida dos Estados Unidos da América em que intervêm o Pedro Cid e o Vasconcelos Esteves; e o Segurado no cruzamento. A zona de Alvalade pode ser considerada meia alemã, com aquelas quatro grandes unidades. Depois, há um corte - Olivais Norte. De repente, a Câmara de Lisboa apresenta pessoas mais jovens e Olivais Norte é um tanto parecido com este Bairro Alemão, embora mais pequeno. De qualquer maneira, é um plano (pequeno) com bandas, torres e blocos. Aqui (Bairro dos Alemães, Beja) há muitas bandas e há a torre (dos solteiros). Existe uma espécie de blocos

na Avenida Infante Santo, em que estes são paralelos e que, em Olivais Norte, ajudam a desenhar o meio - são quatro ou cinco seguidos, como se fosse uma ossatura forte central. Esse corte que há entre “os Alvalades” não é considerado tão uniforme por ter muitas coisas diferentes. Ainda têm casas “aos lados” e também uma relação relativamente simples de entender entre as ligações e as interrupções - o traçado e as ocupações. Isso rompe-se nos Olivais Norte e, nos Olivais Sul, a confusão é parecida com esta. Mas existem uns sítios onde fizeram umas experiências que são a chamada célula C - que é a célula do Portas e do Bartolomeu e que tem uma praça que é bastante interessante. Depois, uma parte que está bastante degradada e que, por isso, é que é menos interessante - parte do Croft e do Justino, onde está também a igreja do Pedro Vieira de Almeida - e que fez agora trinta anos.

Nos Olivais Norte havia um plano como se fazia chamado *plan de masse*, que é um plano em que se definem os volumes nos intervalos e, de seguida, os arquitectos preenchem o espaço à maneira deles - foi um pouco o que aconteceu aqui. Nos Olivais Sul aconteceu uma coisa curiosa - o meu pai resolve dividir o espaço em vários e entregá-los a três ou quatro arquitectos diferentes e, a partir daí, há o direito de cada um propor as suas alternativas e discutir um troço da cidade. Estas experiências voltam, novamente, com uma preocupação relativamente ao que é o edificado e o seu vínculo com as circulações; com a frente e as traseiras dos edifícios, formando uma espécie de pátios para onde dão as cozinhas. No caso da célula C, por exemplo, há outra vez um carácter de quarteirão em que as fachadas dão para as ruas que circundam e as traseiras dão para um pátio, onde as crianças podem brincar em segurança, como se tratasse de um quarteirão aberto, não identificável. Porém, com similitudes. Estas preocupações decorrem de uma crítica que começa a ser feita em Itália, pelo Zevi, logo a seguir à guerra, sobre o urbanismo de Le Corbusier e que repercussões teve em Inglaterra, Holanda, Suécia, Dinamarca... ou seja, sem ser França, que tem uma característica especial por ser uma espécie de monarquia com presidente da República. Portanto, trata-se de um regime muito central em que as ordens são emanadas do centro, ao contrário de Itália, por ser uma espécie de diversos países partidos; de Inglaterra por ter

autonomias várias, assim como os países nórdicos. Desta maneira, por inúmeras razões, os países adjacentes a França começam a criticar o seu urbanismo por ser rígido e próprio dos blocos de Marselha repetidos - o melhor exemplo em Portugal é, talvez, o da Avenida Infante Santo, embora cheio de nuances devido aos desníveis e que acabam por não permitir essa leitura tão simplista. (...)

Existe algo de muito importante nas cidades. Estas levam, pelo menos, uma geração a conseguir-se fazer. E uma geração são trinta anos. Contudo, neste bairro alemão, já contamos cinquenta. Este é um caso especial porque estamos numa cidade esvaziada ou entregue a uma corporação / cooperativa. Estamos perante um condomínio aberto - mas não deixa de ser um condomínio. Não é uma cidade normal, é, pelo contrário, uma cidade que, embora não tenha um risco à sua volta, é como se existisse. A cerca existe nem que seja na cabeça das pessoas. No seguimento de Chelas, há dois exemplos, em Lisboa, que apesar de serem muito diferentes, tentam voltar a uma cidade em que as pessoas consigam viver percebendo-a - o Restelo, que o Portas inventa, fazendo as ruas estreitas e os quarteirões extensos (muito radical), e, por outro lado, Telheiras, que dos bairros de promoção camarária, que são promovidos por uma empresa que a Câmara de Lisboa tinha com o objectivo de propiciar a habitação a custos mais ou menos controlados (a chamada habitação para a classe média), tem torres soltas mas também ruas e pátios com zonas comerciais. Telheiras tem alguns aspectos muito interessantes e tipologias muito diferentes, como por exemplo os edifícios em quarteirão e em galeria.

Contudo, para se estudar esta questão, tem que se olhar para os planos integrados todos - Aveiro, Setúbal, Almada... Nós fizemos o do Funchal. É uma linhagem e revisitação do Faria da Costa. Não obstante, o Bairro Alemão é bastante interessante para quem está a começar a perceber como é que as coisas foram e como é que podem vir a ser. Está muito intacto, muito limpo de intrusões. A única contrariedade é o facto de estar abandonado, o que nos ajuda a perceber como é que se envelhece. Também o exército alemão terá intervindo no plano com eventuais critérios

- o paradigma da torre dos solteiros estar ao lado da cervejaria. O que faz mais confusão é o desenho do bairro estar feito de propósito para não ser atravessado (via automóvel). A circulação pedonal é completamente privilegiada e estas galerias servem para atravessar o bairro com sombra, apenas. (...)

A cidade tinha umas saídas para Mértola (Portas de Mértola), Grândola, Serpa, Lisboa... Para Norte, Portel, que tem o castelo (Évora já é outra coisa). (...)

A cidade que eu conheci quando era pequenino era uma cidade toda num sítio só. Era um polígono. Todas estas coisas que aqui estão não existiam. Nada disto cá estava. Isto era uma rua e o liceu marcava o fim. Sabes o que é que estava aqui por baixo (do liceu)? Uma das maiores necrópoles muçulmanas já alguma vez existentes em Portugal! O liceu já tinha danificado uma série de coisas e nós tivemos que escavar o chão do refeitório, aproveitando as fundações. O liceu nasce em cima de um criptopórtico que não é utilizado e depois vai sendo tão usado... até agora. Nunca mais parou de ser usado.

Rui Mendes - Cada vez que se intervém numa cidade vem uma parte da História à superfície. Cá em cima, ao lado da praça da República, estava o Eugénio Castro Caldas a começar a construção do conservatório e a primeira escavação parou há cinco anos porque já era mais ou menos esperado que uma parte do templo romano aparecesse ali, e apareceu! Portanto, encontra-se em escavação periódica (penso que não consecutiva). Sei que há um grande troço nas costas do edifício que albergava os serviços municipais da Câmara, que neste momento foi completamente fechado e derrubado (em parte) e, o grande logradouro atrás, onde estava o depósito de água, está a ser completamente escavado.

PB - Era outra cidade... aí é que se percebe a sua dimensão. Penso que não existe exemplo nenhum de uma pequena cidade duplicar (de tamanho) com a vinda de estrangeiros em Portugal. Nem antes nem depois (da sua construção). É uma operação impressionante. Não há dúvida! (...)

Eu vim visitar o bairro. Nunca o tinha visto com “olhos de ver”. (Este é um plano de 1966) e a única coisa que percebo

é que isto ainda é como se fosse Olivais Norte, apesar de todos os desastres que aconteceram - incluindo o de Chelas - com aquela ideia de que é um contínuo urbano, mas que depois não funciona. Umas “cobras gordas” que têm vida continuada e que acompanham as vias. Ainda está tudo à moda de uma cidade-jardim. O facto de o bairro não ter ninguém e não se poder atravessar (de carro) é o grande problema. Claro que, se tiver pessoas, funciona melhor. Uma cidade é feita de uma rede de mobilidade e outra de estadia - são as duas coisas que acontecem numa cidade - ou está-se ou mexe-se. Quando não se está nem se mexe, e quando as duas não estão juntas, não há (cidade)! E é óbvio que é preciso trazer as pessoas e dar uso às coisas...

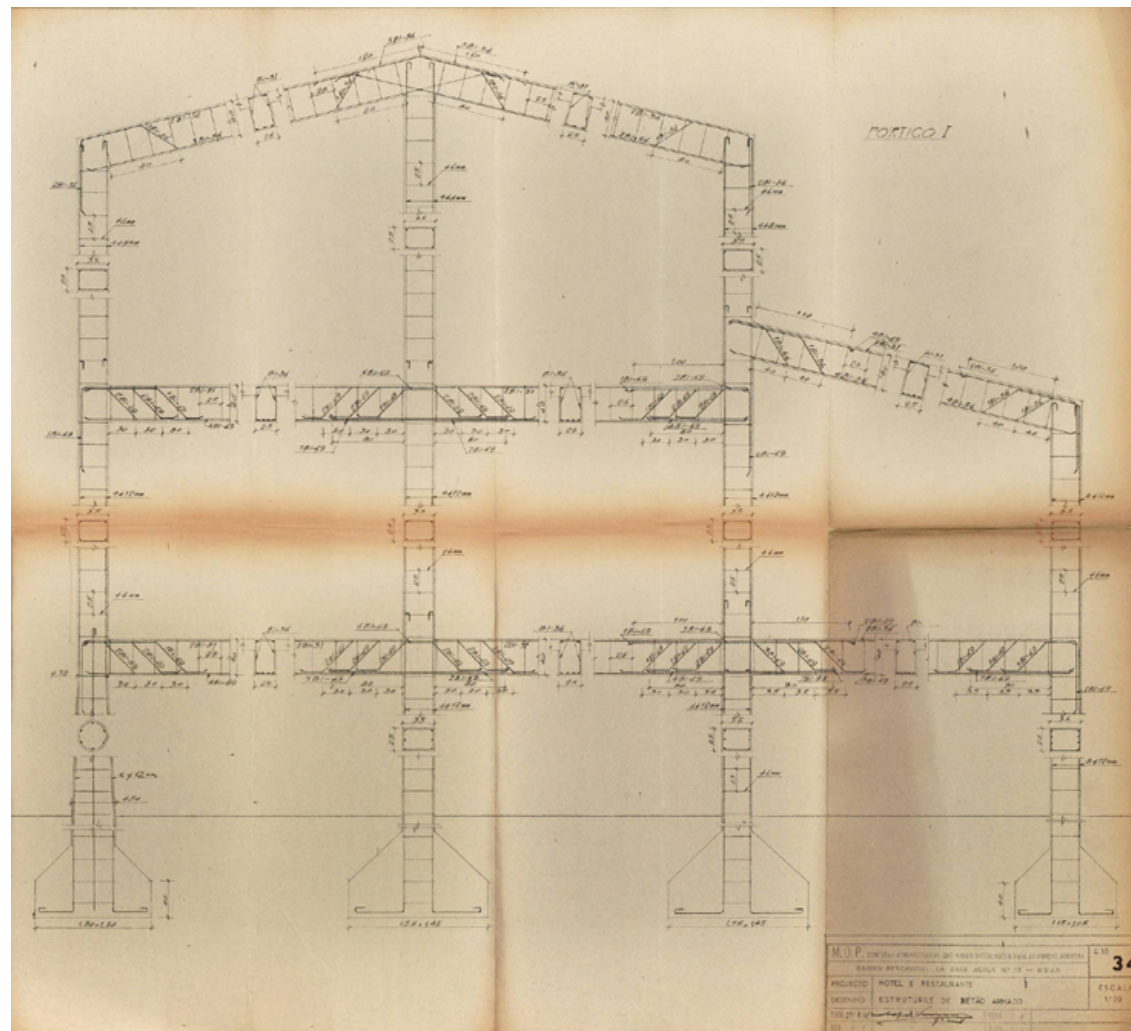


Fig. 1 - Hotel e Restaurante, de Francisco Keil do Amaral - *estruturas de betão armado*

Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

8. DESENHOS DE ARQUIVO

ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA - KEIL DO AMARAL

ARQUIVO MUNICIPAL DE BEJA - RELATÓRIOS DA CANIFA

DESENHOS DE ARQUIVO

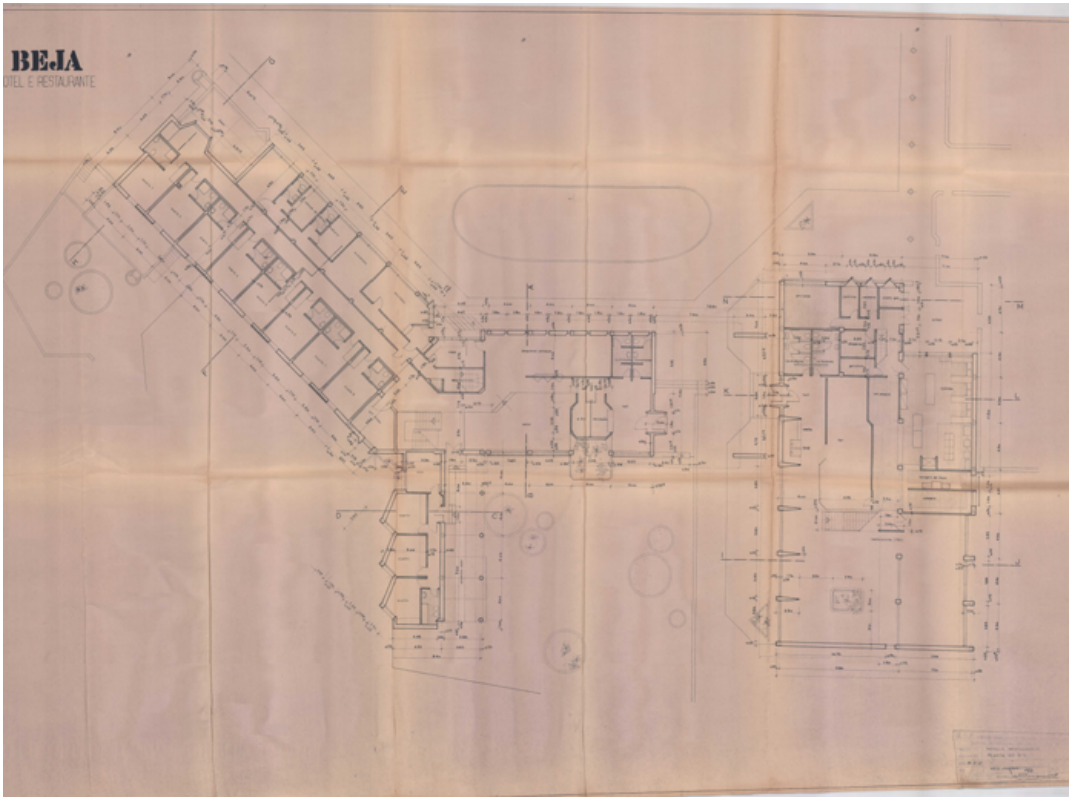
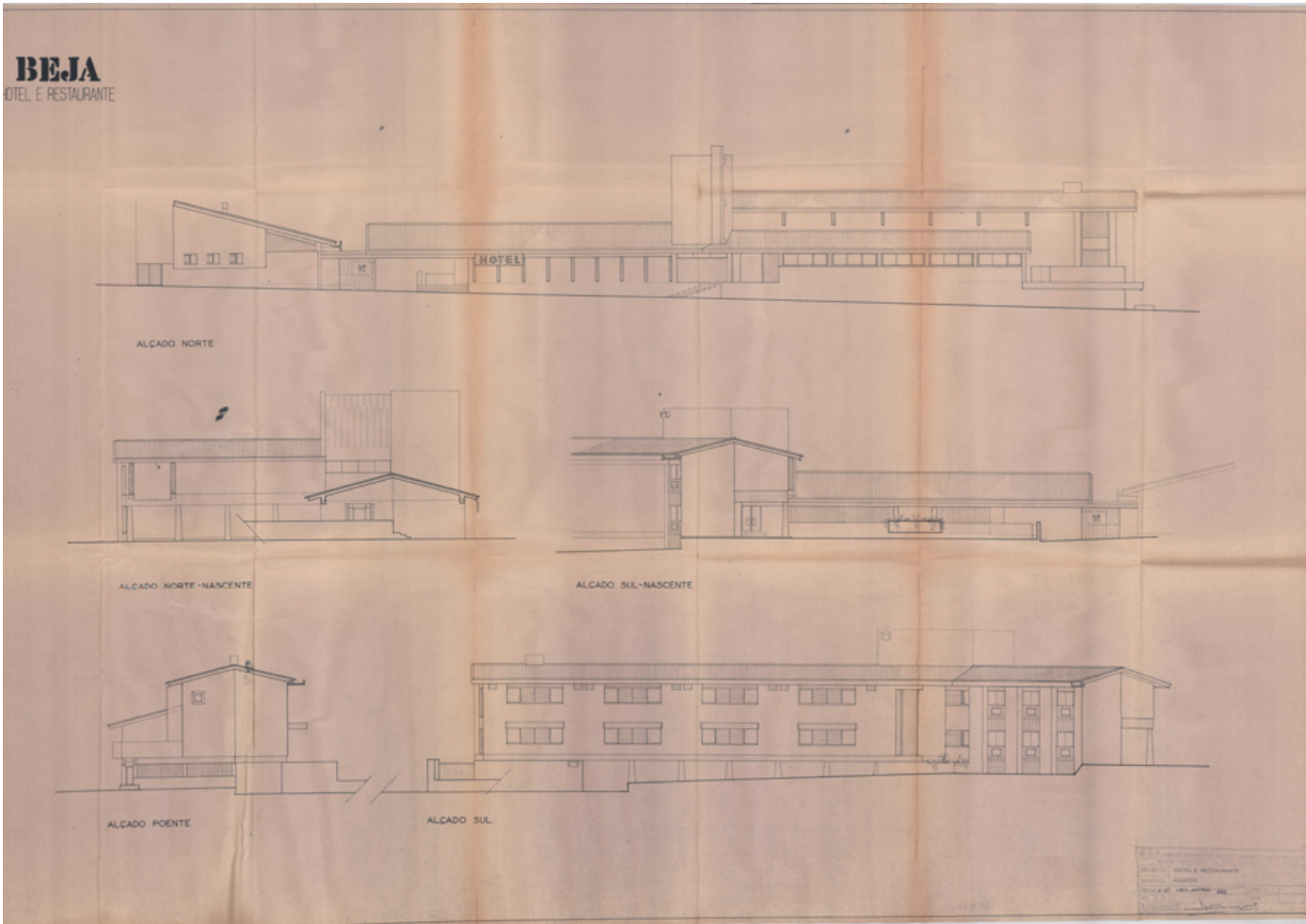
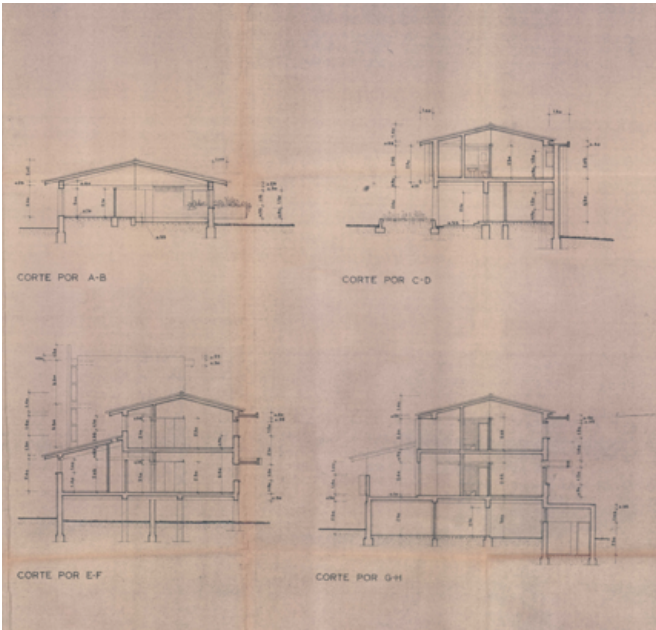


Fig. 2 - Hotel e Restaurante, de Francisco Keil do Amaral. *Planta Piso Térreo*. Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 3 - Hotel e Restaurante, de Francisco Keil do Amaral. *Cortes*. Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 4 - Hotel e Restaurante, de Francisco Keil do Amaral. *Alçados*. Fonte: Arquivo Municipal de Beja



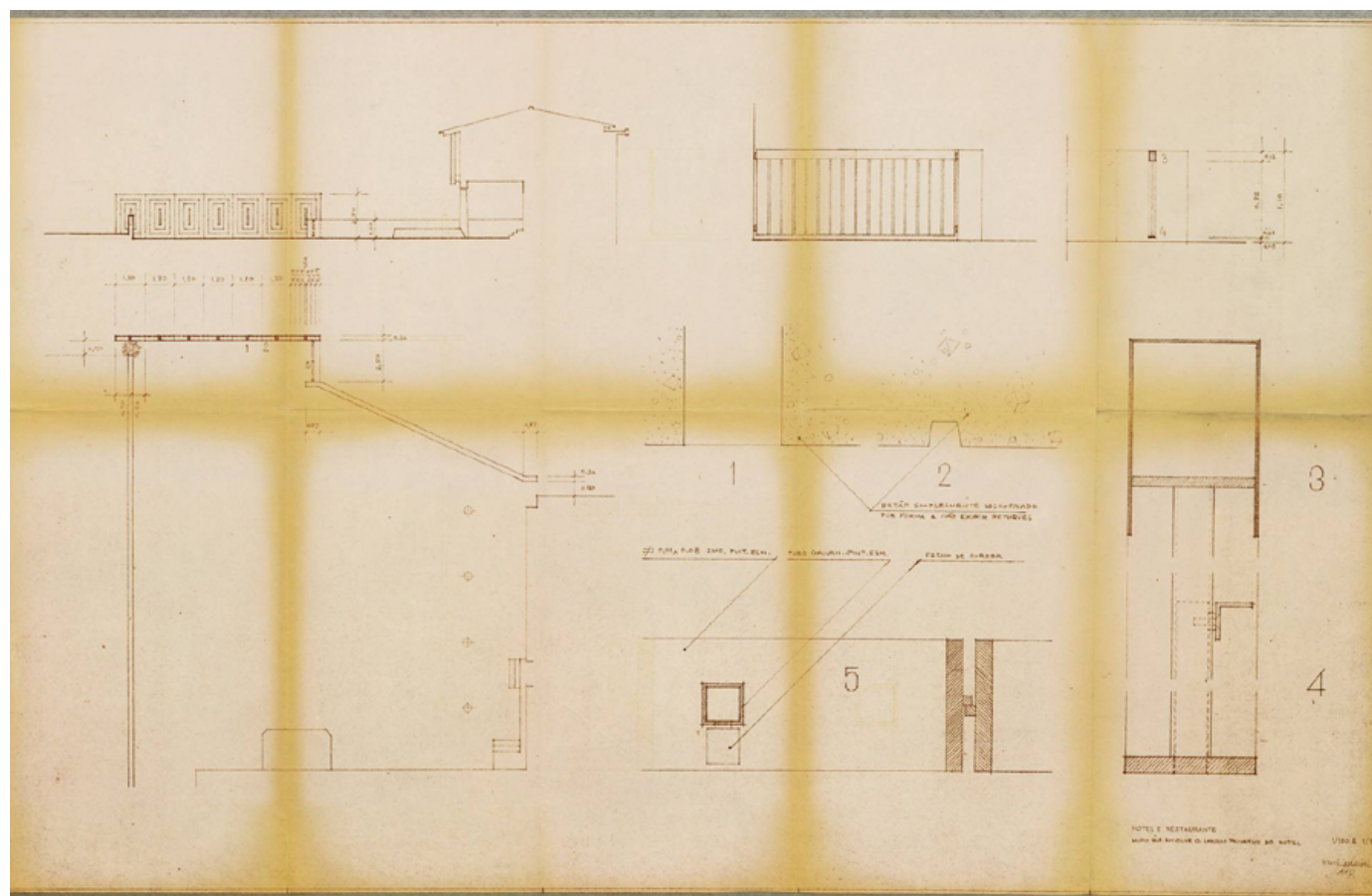


Fig. 5 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - muro que envolve o jardim privativo do hotel
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

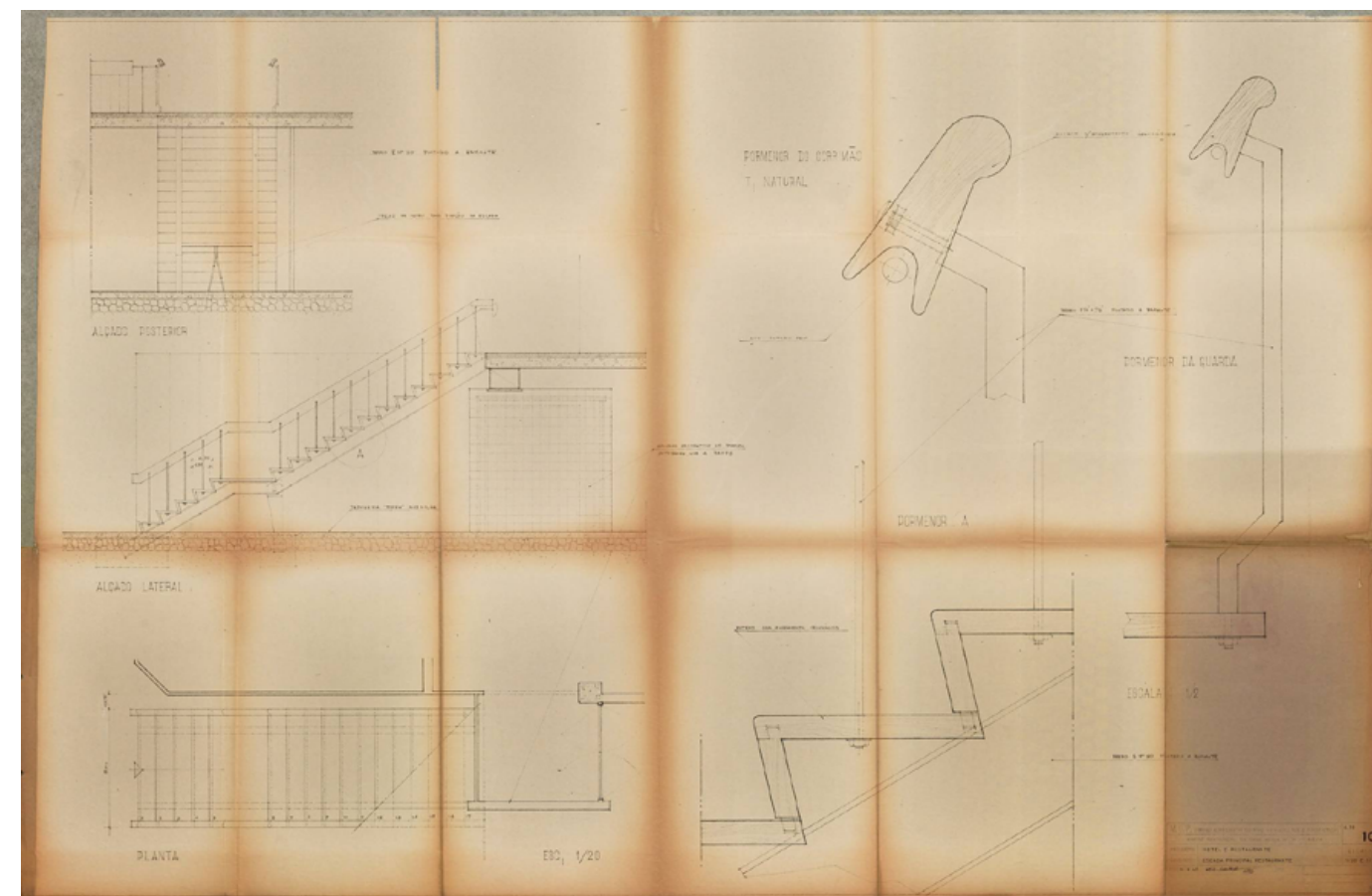


Fig. 6 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - escada principal do restaurante
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

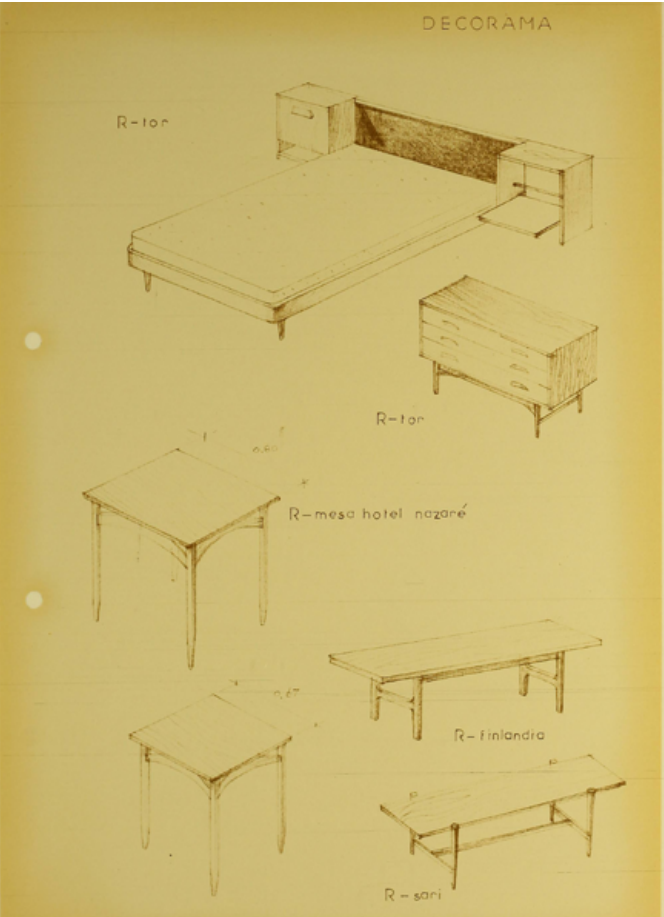
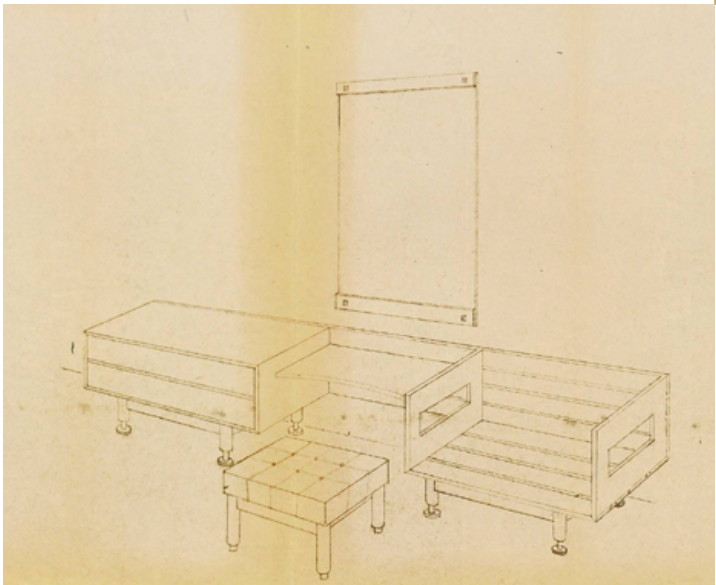
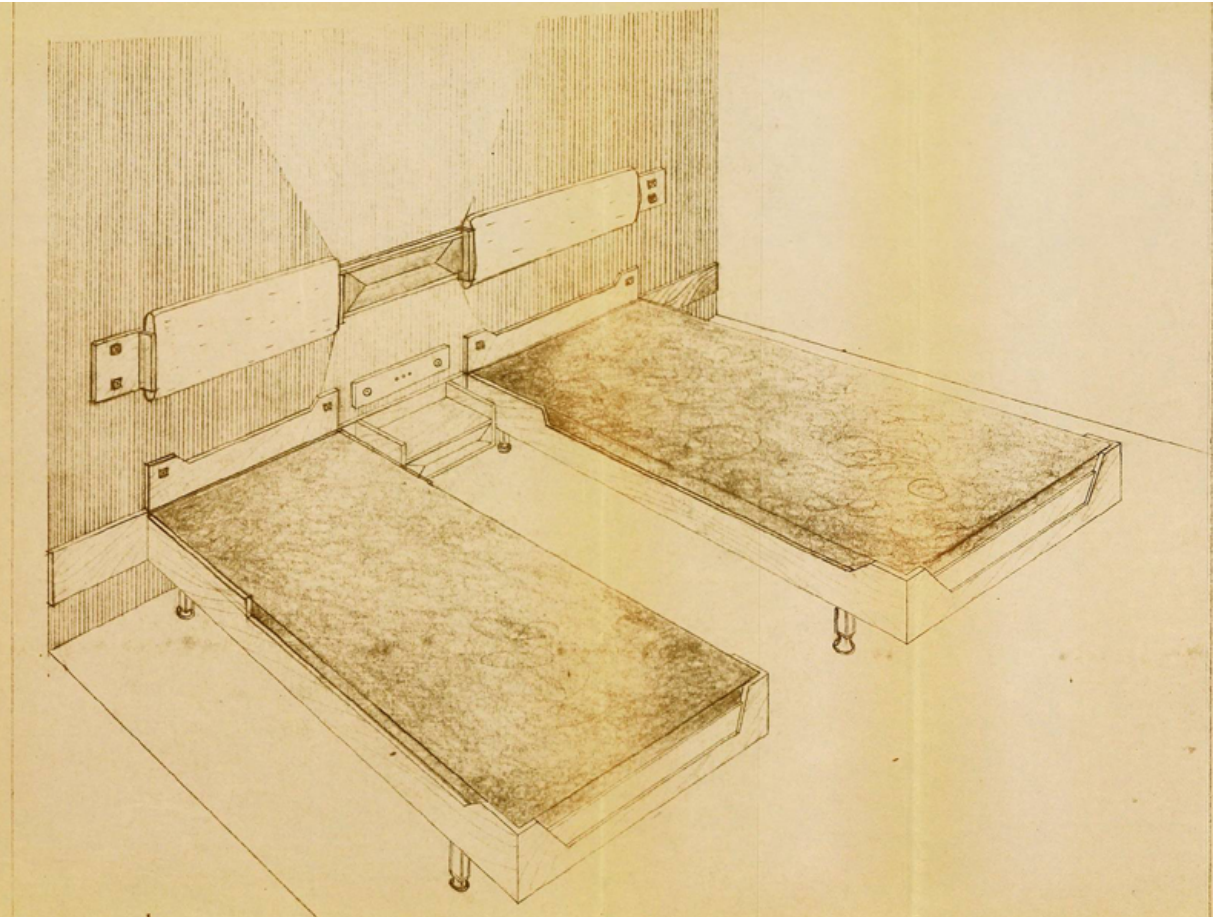


Fig. 7 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *mobiliário dos quartos*.
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

Fig. 8 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *estudos para o mobiliário dos quartos - mesas*. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

Fig. 9 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *mobiliário dos quartos*.
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

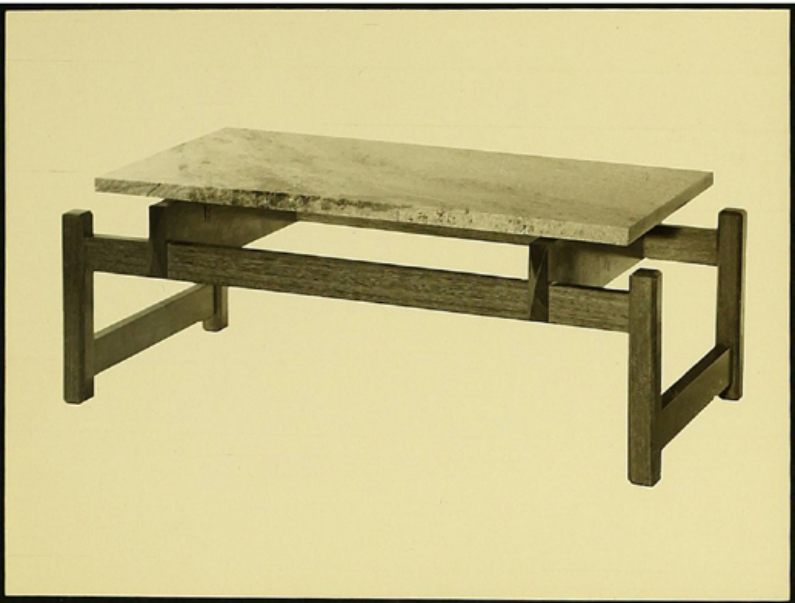
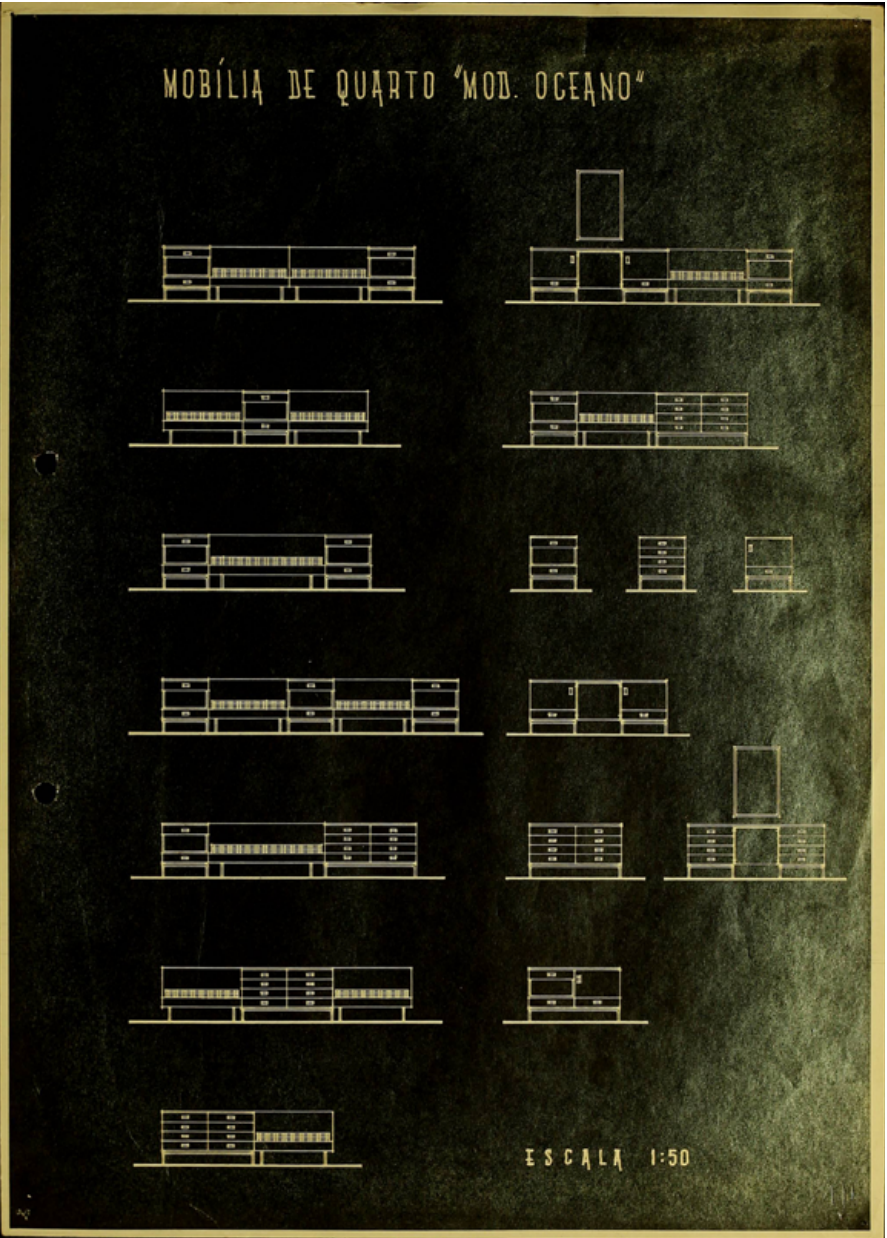


Fig. 10 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *mobília de quarto*. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa
Fig. 11 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *mobiliário do hotel e restaurante*. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa
Fig. 12 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *mobiliário do hotel*. Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa

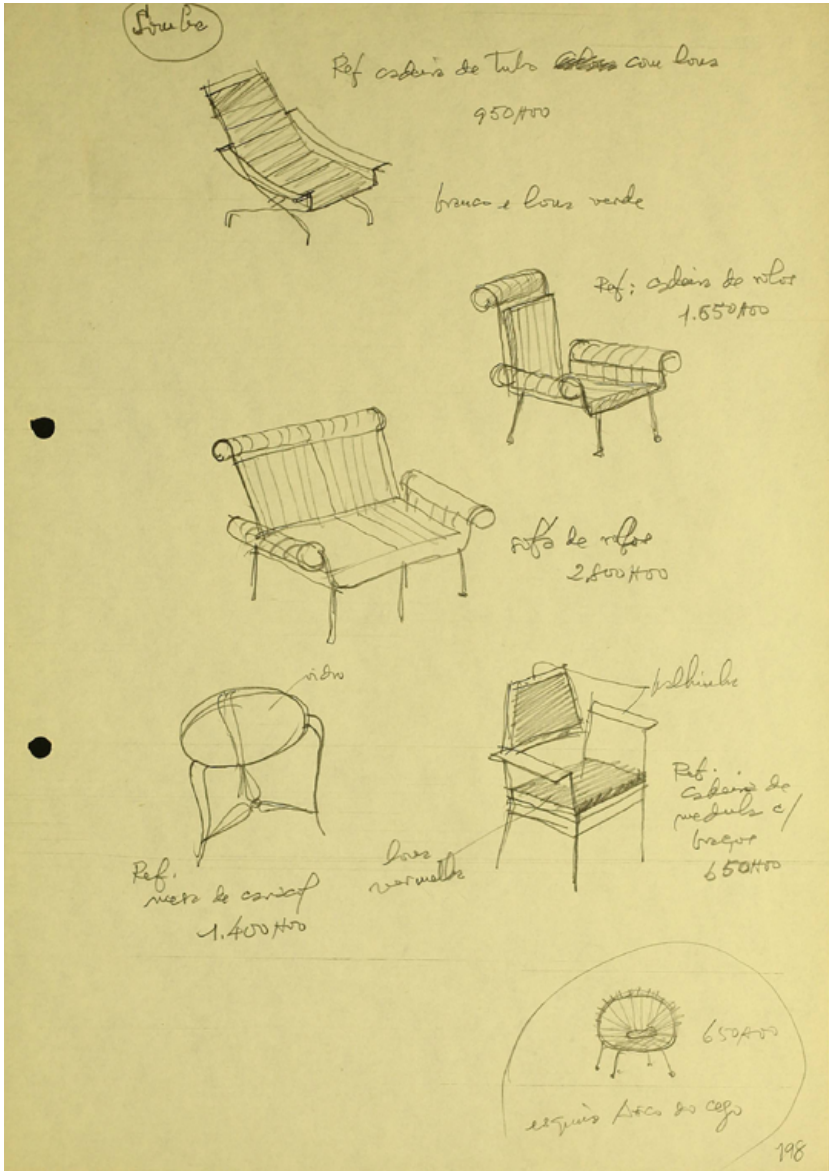
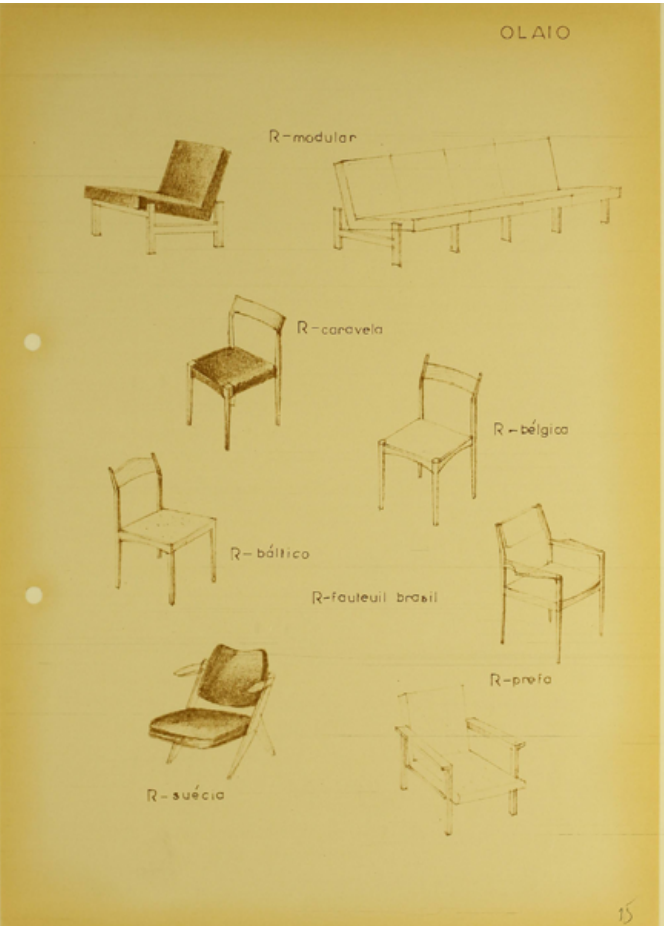
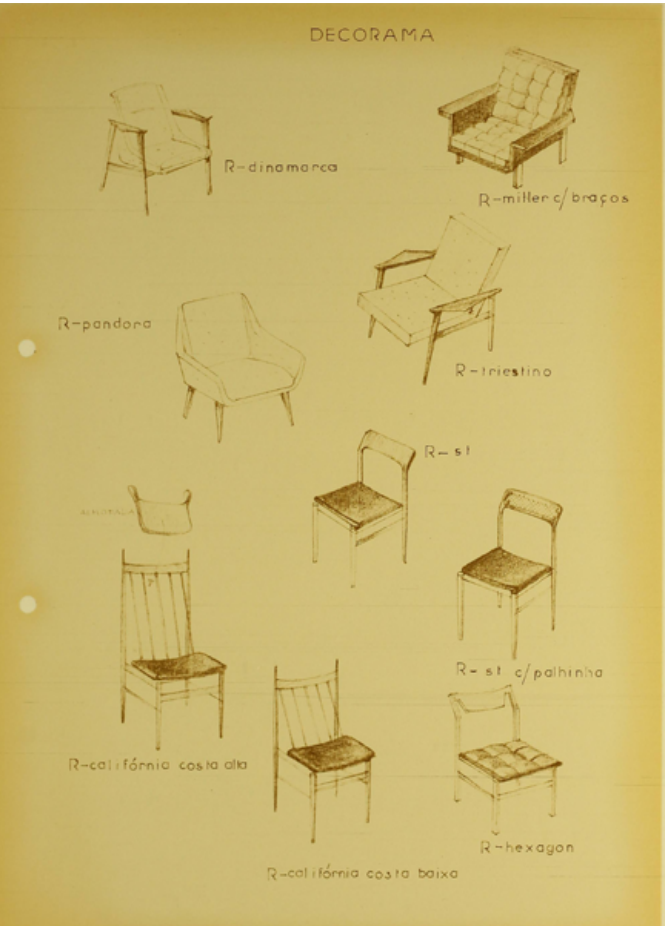


Fig. 13 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *estudos de mobiliário*
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa
Fig. 14 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *estudos de mobiliário*
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa
Fig. 15 - Hotel e Restaurante, de Keil do Amaral - *estudos de mobiliário*
Fonte: Acervo do Arquivo Municipal de Lisboa



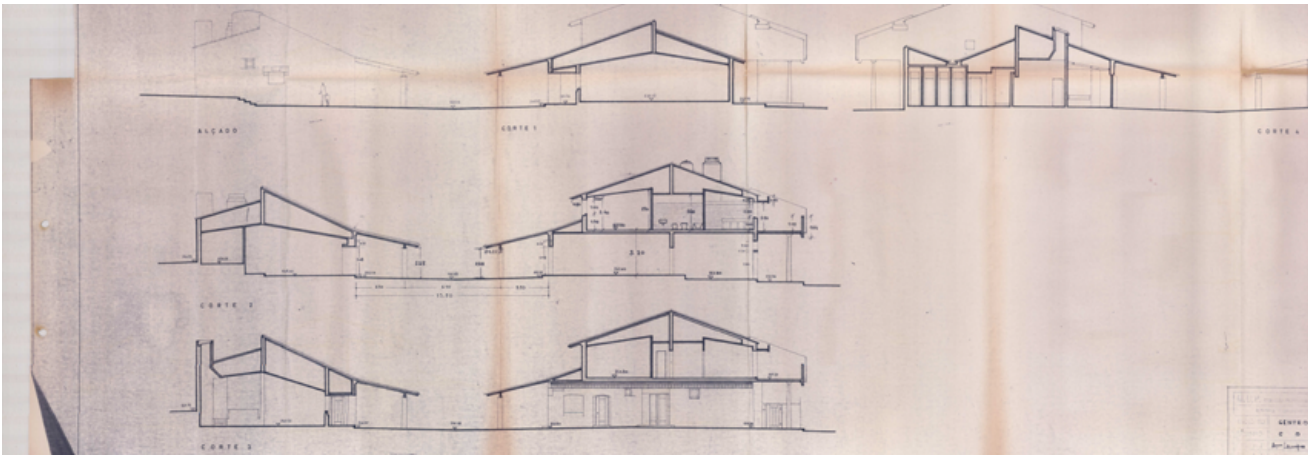
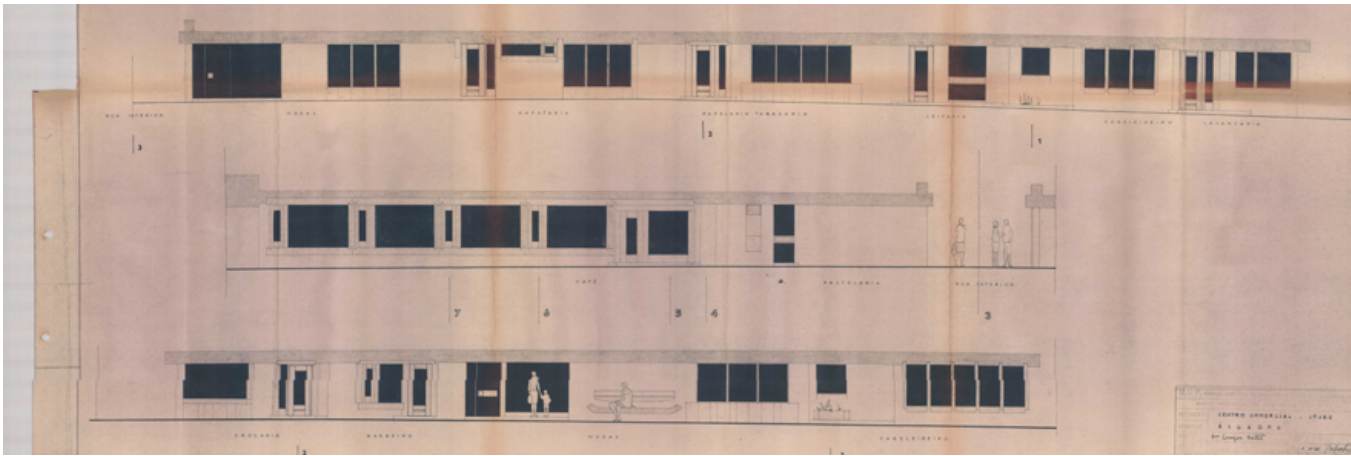
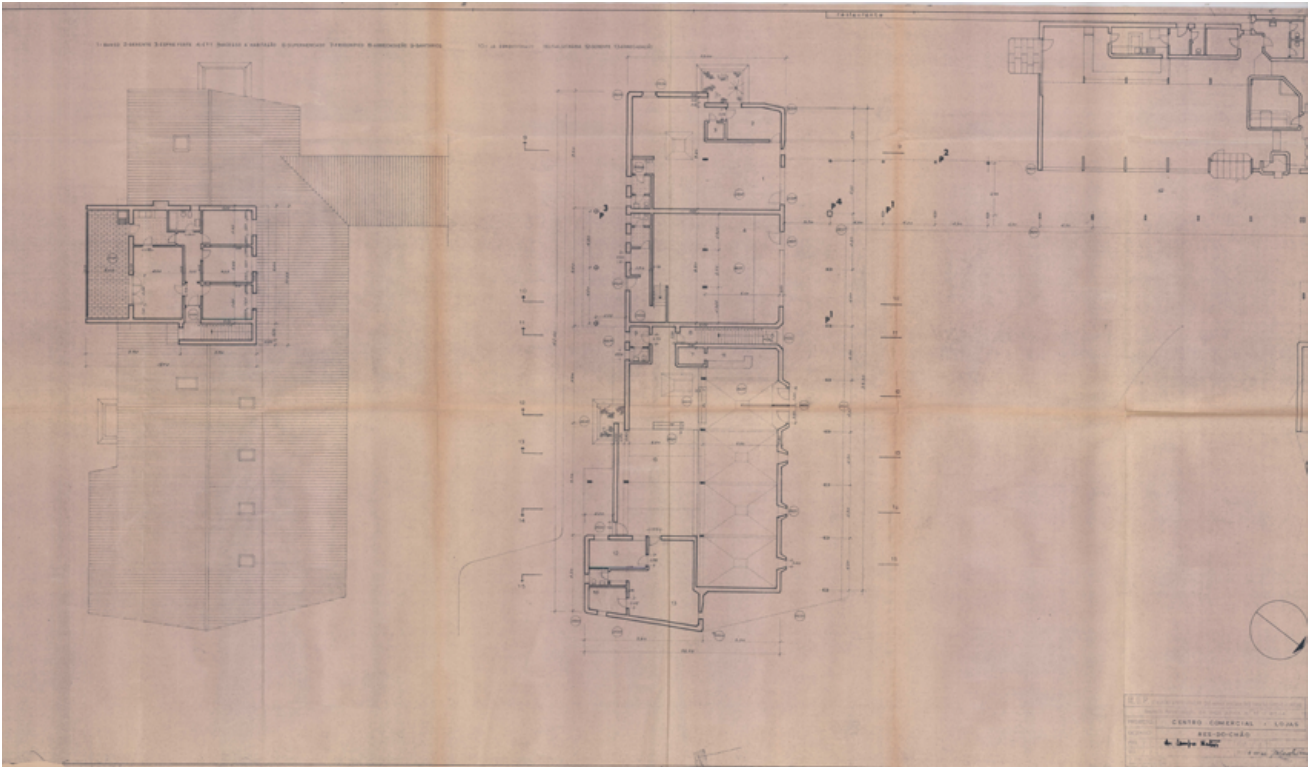
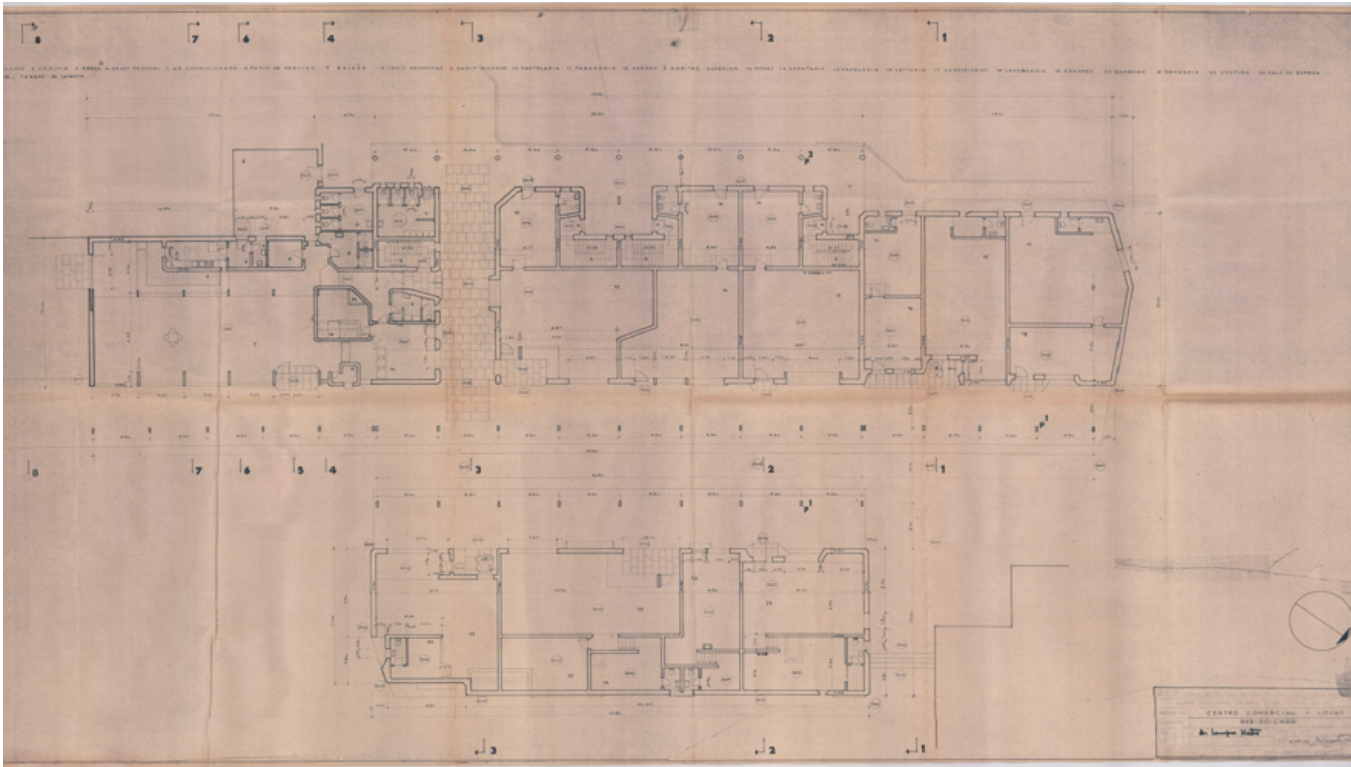
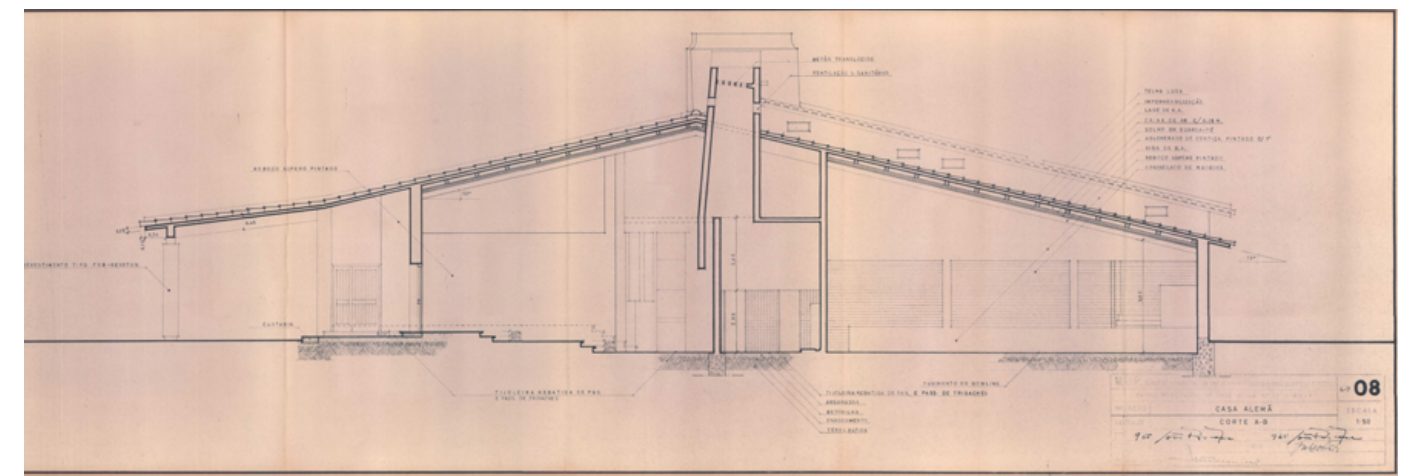


Fig. 16 - Centro Comercial, de Alfredo Campos Matos - *Planta do Rés-do-chão*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja
Fig. 17 - Centro Comercial, de Alfredo Campos Matos - *Alçados das Lojas*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 18 - Centro Comercial, de Alfredo Campos Matos - *Plantas do piso 0 e piso 1*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja
Fig. 19 - Centro Comercial, de Alfredo Campos Matos - *Cortes*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



Fonte: Arquivo Municipal de Beja

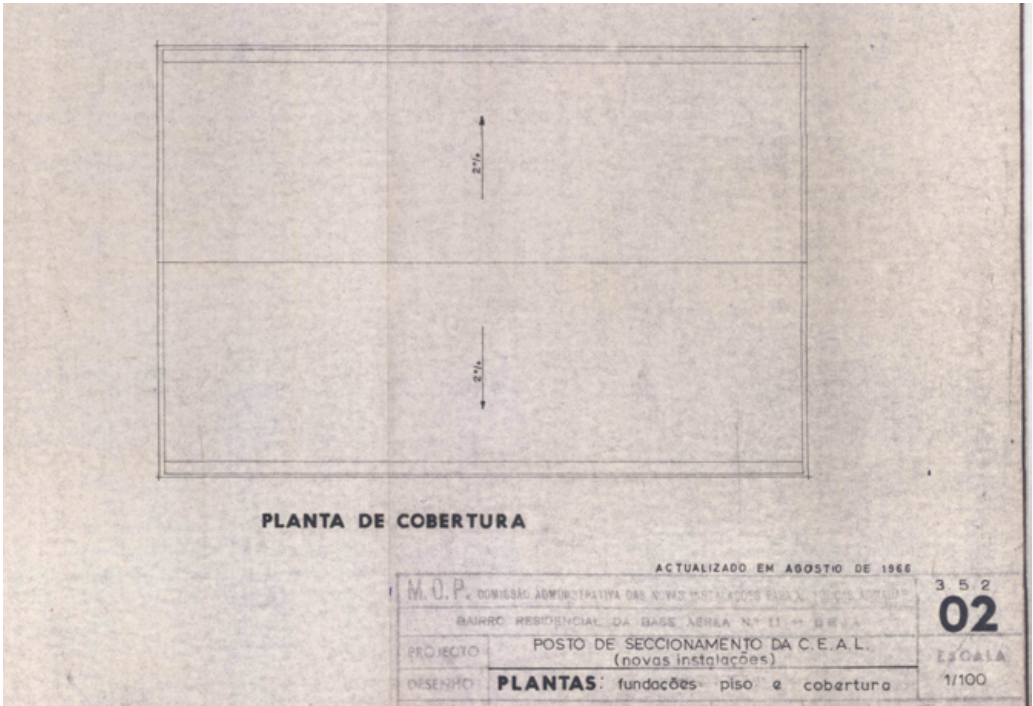
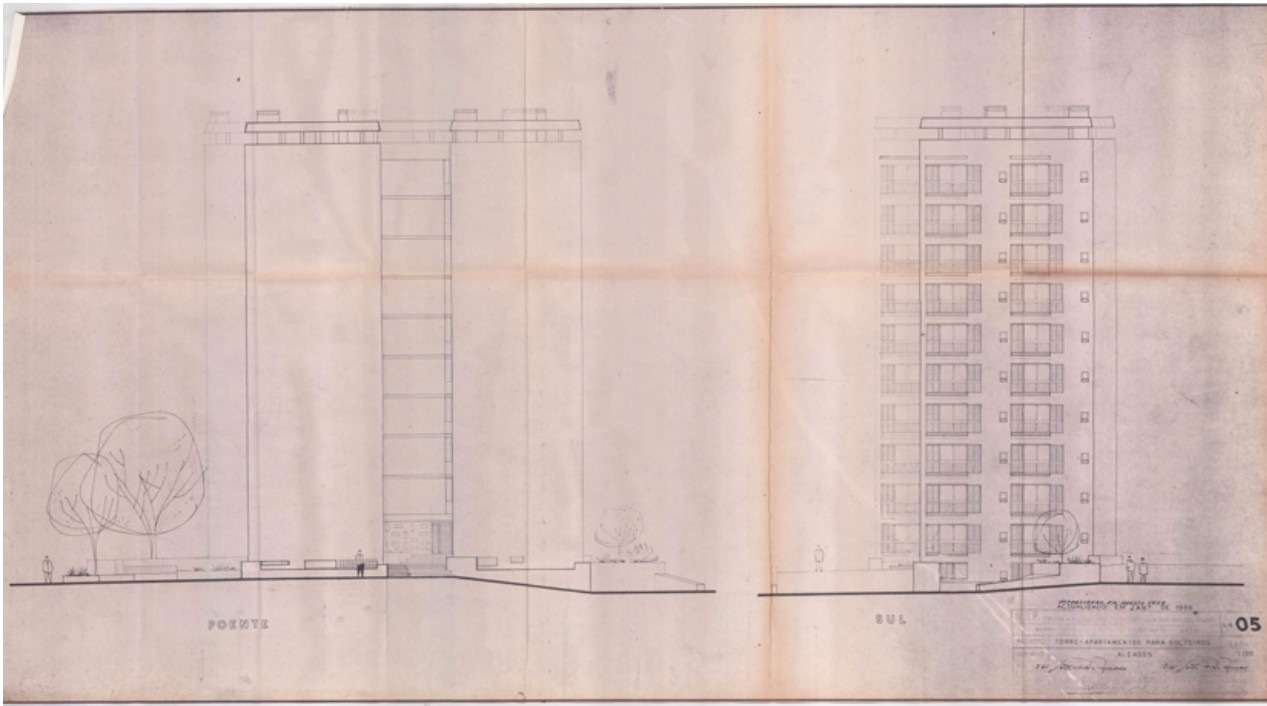
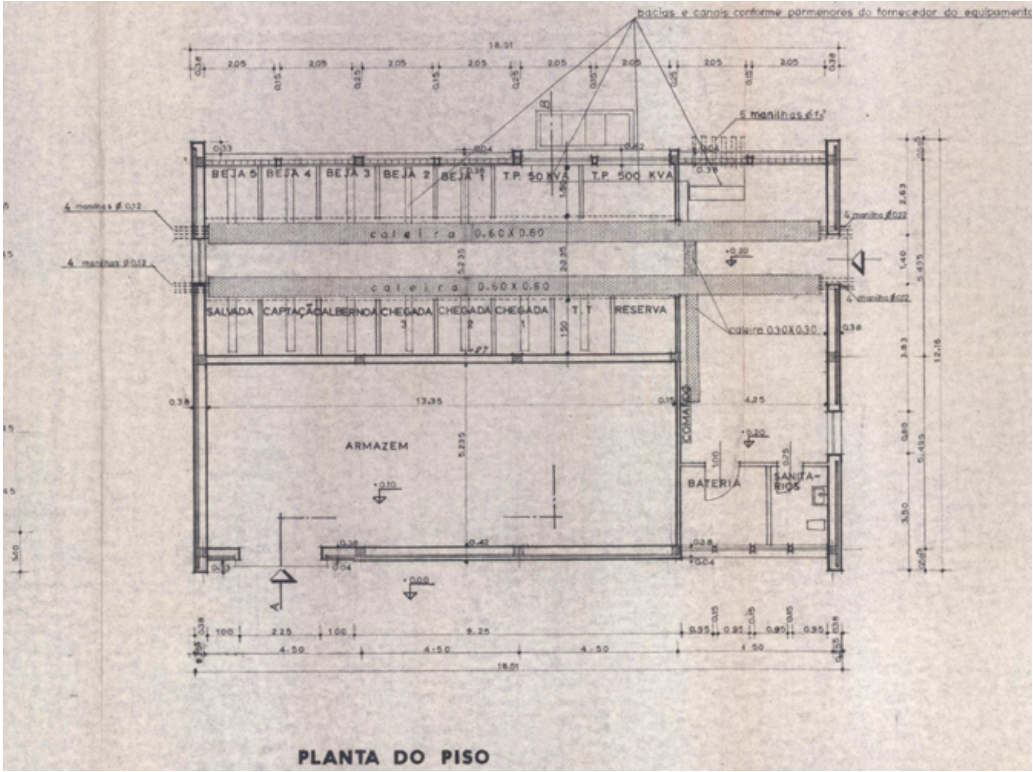
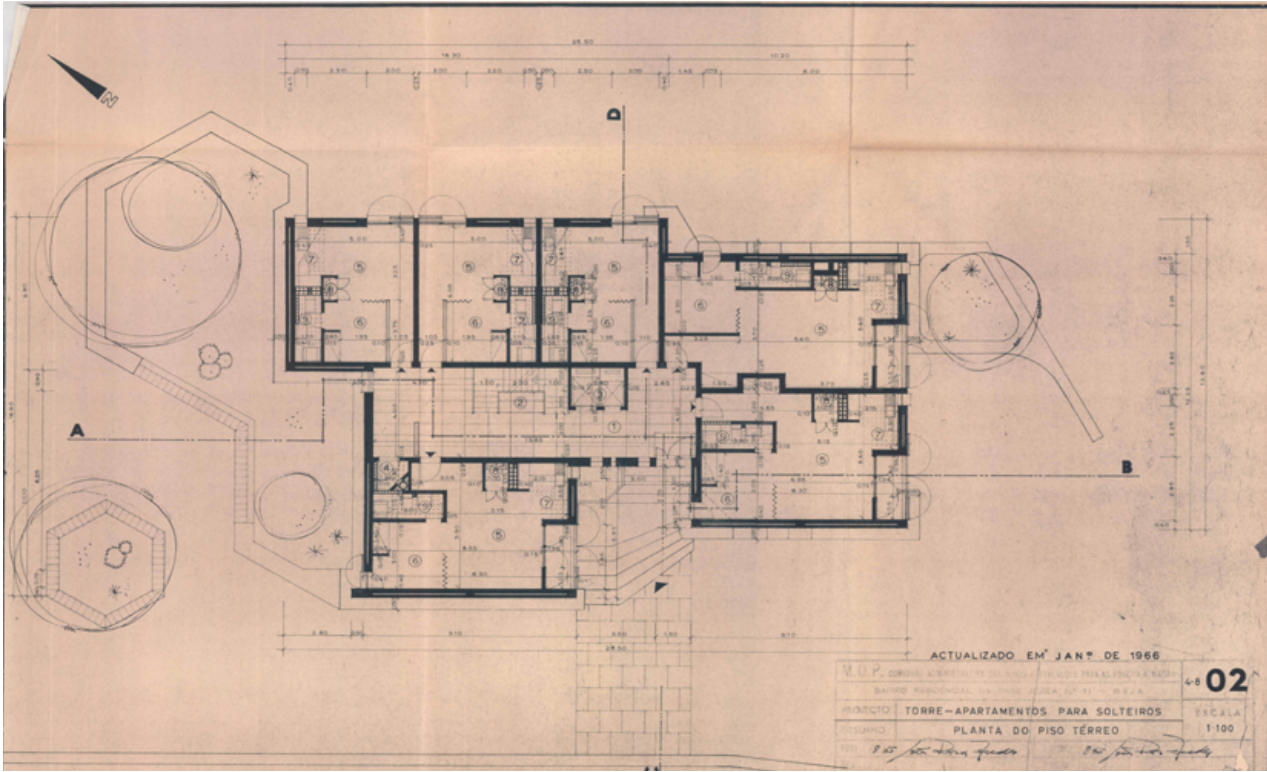


Fig. 23 - Torre para Solteiros, de João Rosa Mendes - *Planta do piso 0*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 24 - Torre para Solteiros, de João Rosa Mendes - *Corte Longitudinal*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 25 - Posto de Seccionamento da CEAL. *Planta do Piso 0*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja

Fig. 26 - Posto de Seccionamento da CEAL. *Planta da cobertura*
Fonte: Arquivo Municipal de Beja

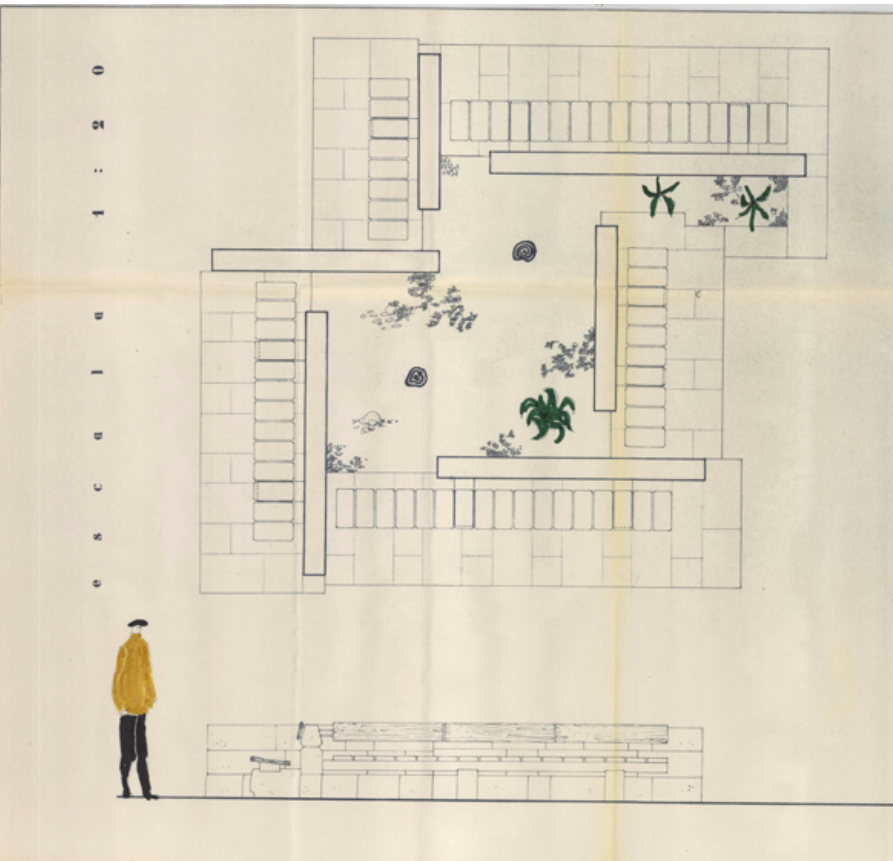
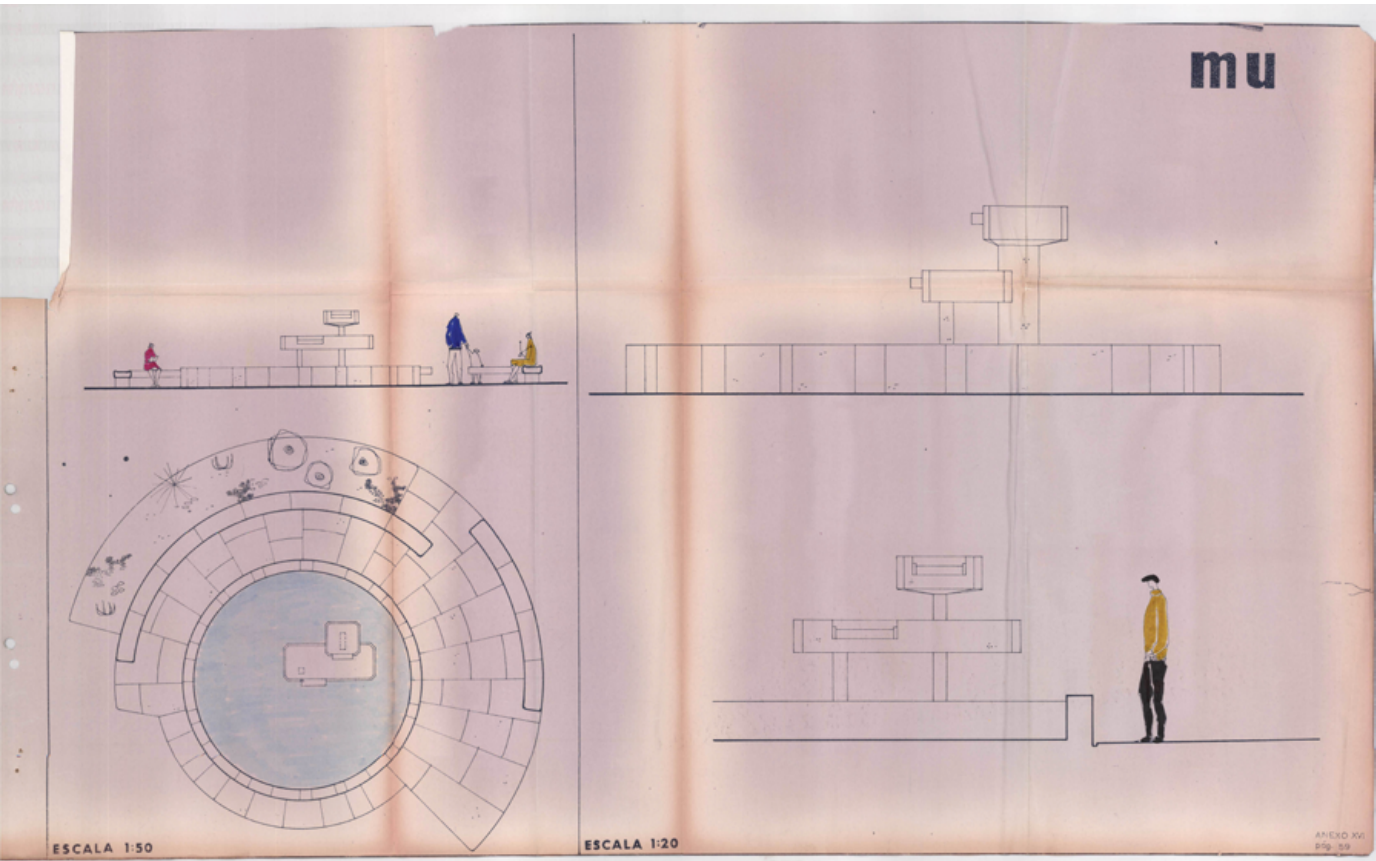


Fig. 27 - Mobiliário Urbano - Fonte
Fonte: Arquivo Municipal de Beja
Fig. 28 - Mobiliário Urbano - Banco
Fonte: Arquivo Municipal de Beja



Fig. 29 - Ilustração da vista para o Parque (actual mata)

Fonte: Arquivo Municipal de Beja

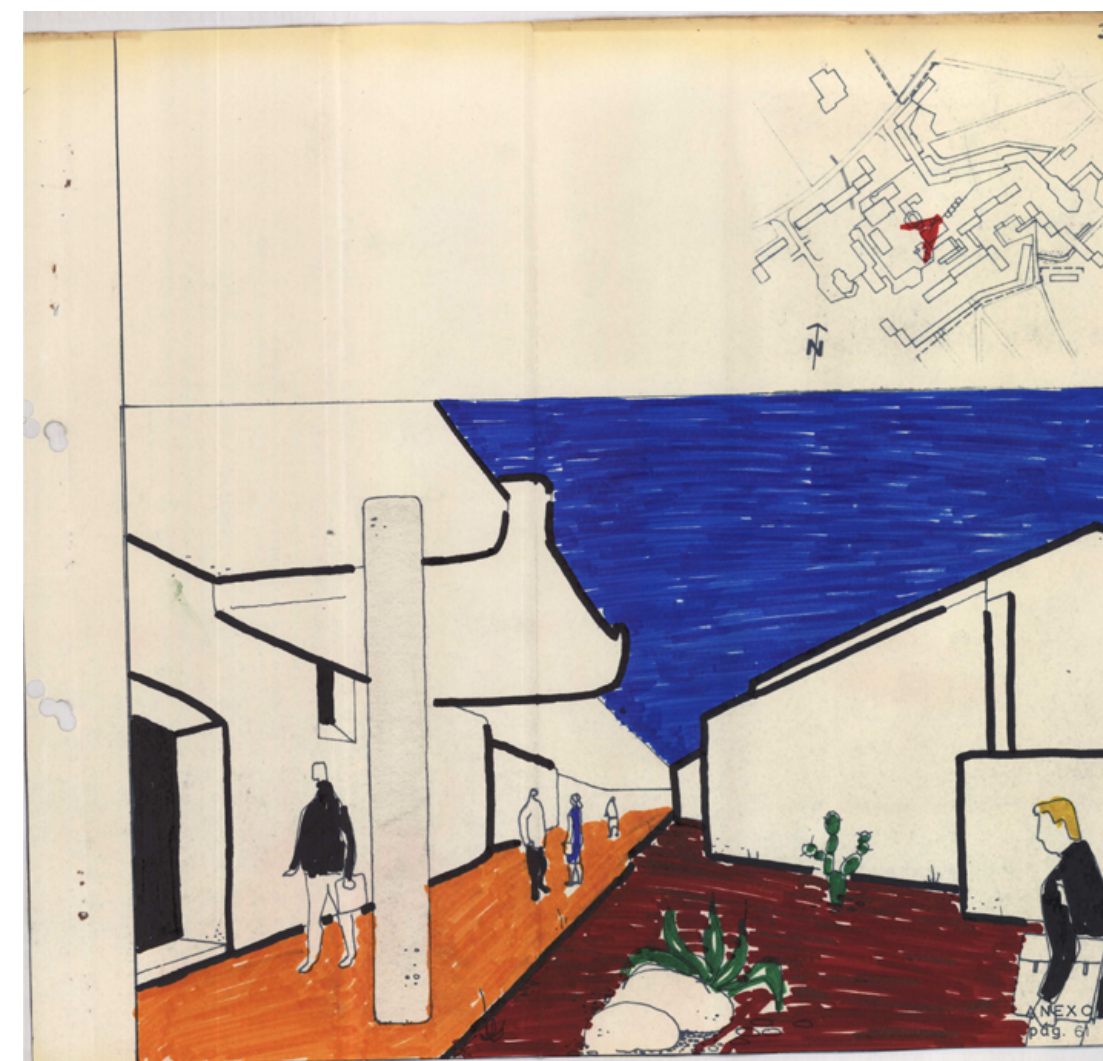


Fig. 30 - Ilustração da vista a partir da Casa Alemã em direcção ao centro comercial

Fonte: Arquivo Municipal de Beja



Fig. 31 - Livro sobre o Laboratório de arquitectura *Torre para Solteiros*, 2018
RM Arquitectura

9. PUBLICAÇÕES SOBRE O BAIRRO DOS ALEMÃES

LIVROS QUE REFEREM A EXISTÊNCIA DO BAIRRO

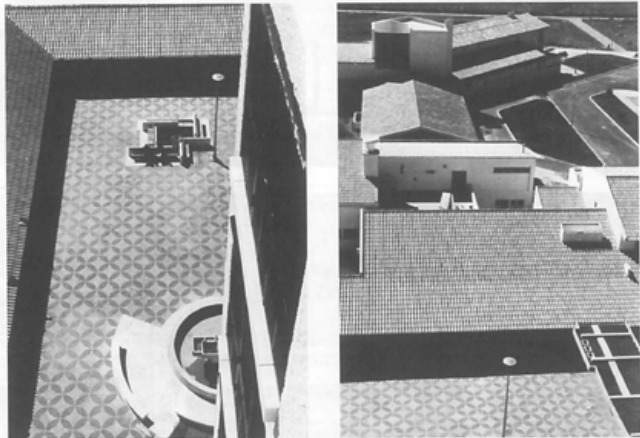
NOTÍCIAS SOBRE A B.A. N.º 11 E O BAIRRO DOS ALEMÃES

PUBLICAÇÕES SOBRE O
BAIRRO DOS ALEMÃES



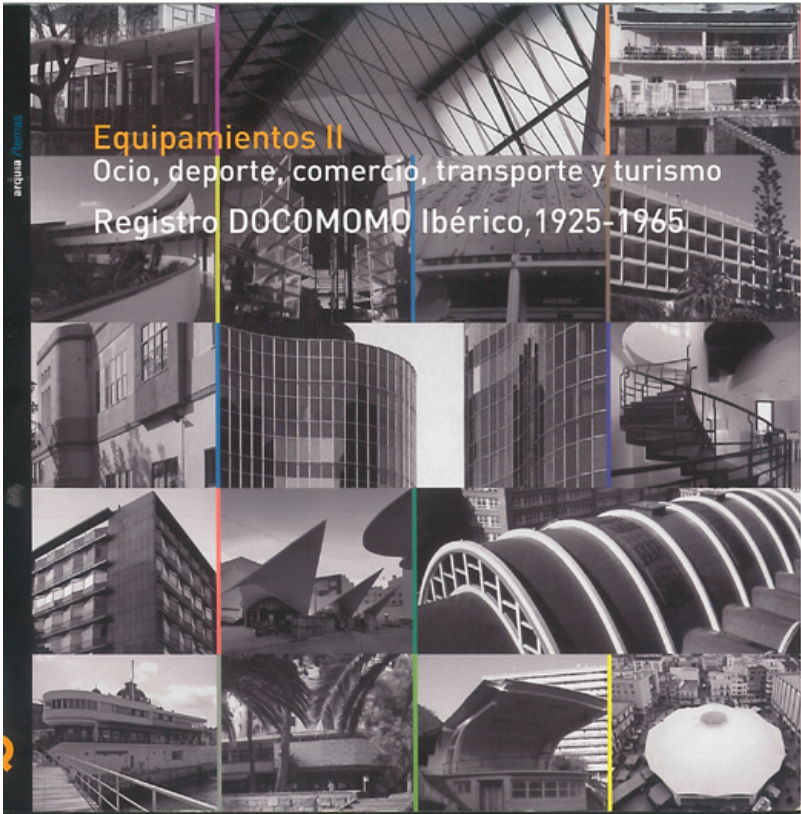
Projecto n.º 7

Constituiu-se em Lisboa um grupo, num organismo do Estado, de que fiz parte, liderado pelo prof. eng.º Manuel Costa Lobo (1929-2013), para estabelecer o plano urbanístico e arquitectural da base aérea luso-alemã de Beja. Coube-me projectar o centro cívico e comercial da base (inteiramente pedonal) e alguns estudos de arquitectura: as lojas; o centro comercial e as habitações em andar, à ilharga do hotel projectado pelo arquitecto Keil do Amaral. Coube ao arquitecto Rosa Mendes, já falecido, o projecto da torre para solteiros. Deste conjunto ficou por construir a igreja prevista. Foi fundamental neste plano o meu conhecimento recente dos centros cívicos das «new towns» inglesas. A desistência de levar por diante a ocupação alemã da base fez com que não se tivesse concluído o centro que, ainda assim, me parece um espaço bastante original e confortável, todo ele destinado ao uso de peões.



Vista da Torre para Solteiros sobre o Centro Comercial





Hotel-Barrio Alemán, 1955-1960

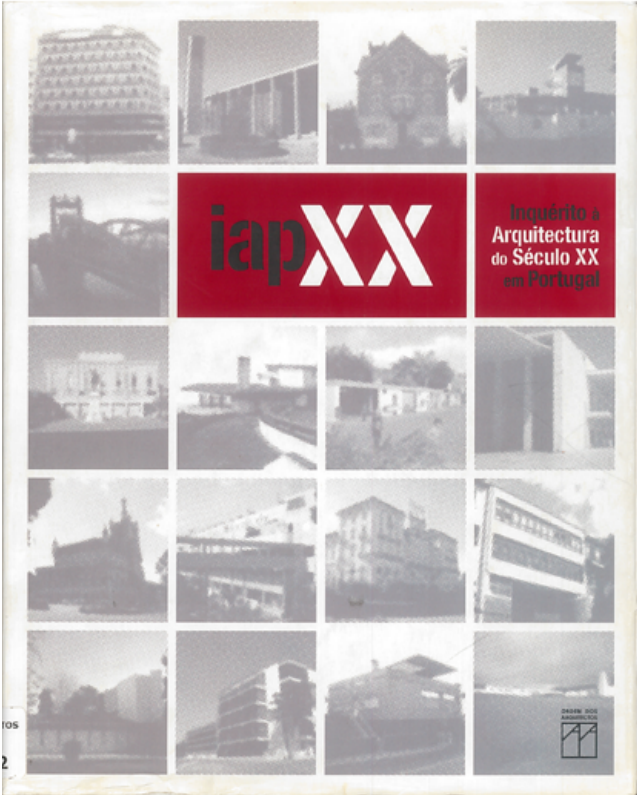
Francisco Kell do Amaral

La reflexión impuesta por el *Inquérito d Arquitectura Regional Portuguesa*, realizado entre 1956 y 1960, y el contexto de contestación al simplismo del Movimiento Moderno que se generalizó en toda la cultura occidental estimularon un ambiente de gran realismo. Es en este contexto en el que Francisco Kell do Amaral (1910-1975), figura tutelar de la profesión, concibe el magnífico hotel integrado en la base aérea alemana de Beja.

La construcción se articula en torno a dos cuerpos dispuestos en un ligero ángulo y unidos por la zona retranqueada de la entrada, donde se yergue la torre de los accesos. La volumetría de una y dos plantas, respectivamente, está magistralmente controlada por el retranqueo de la segunda planta y las cubiertas de teja que poseen una suave inclinación. La relación entre el carácter dominante de la fachada y la acertada abertura de los vanos, repetida de forma modular, contribuye a la armonía del conjunto, confirmada por el paisaje del entorno, cuidado al detalle por Kell do Amaral.

Ana Tostões

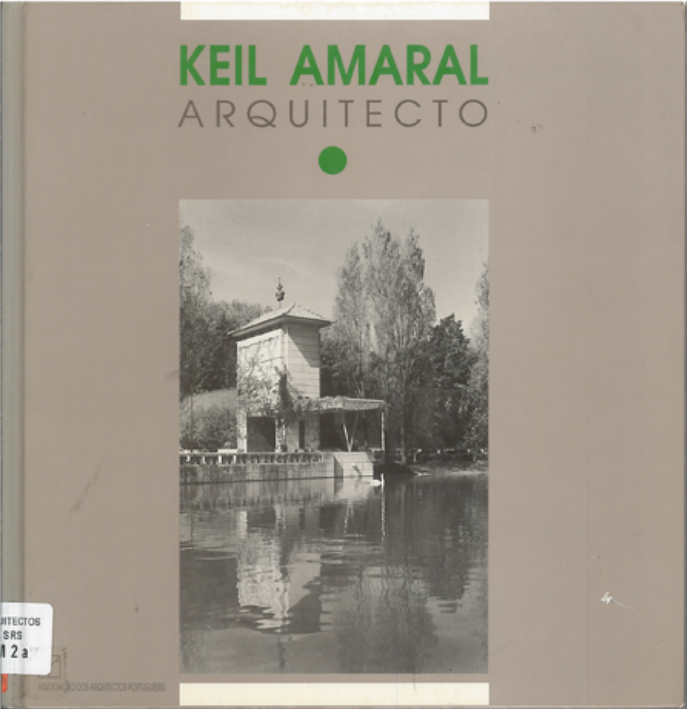




	1965	HOTEL – MESSE DE OFICIAIS
Ficha	S100317	
Data do Projecto	1962	
Data da Obra	1965	
Autoria	Francisco Keil do Amaral	
Ciente	Base Aérea Alemã	
Programa	Hotel	
Concelho	Beja	
Morada	—	
Localidade	Beja	
Referência GPS	38°00,5730'N / 007°52,1789'W	

	1965	ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS
Ficha	S200726	
Data do Projecto	1960	
Data da Obra	1965	
Autoria	Manuel Tainha	
Ciente	Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário/MOP	
Programa	Equipamento Escolar	
Concelho	Évora	
Morada	Pólo Universitário da Mitra	
Localidade	Évora	
Referência GPS	38°31,7400'N / 008°01,0136'W	

	1966	RODOVIÁRIA
Ficha	S100306	
Data do Projecto	—	
Data da Obra	1966	
Autoria	Luís Bevilacqua e Botelho de Sousa	
Ciente	—	
Programa	Terminal de Autocarros	
Concelho	Beja	
Morada	—	
Localidade	Beja	
Referência GPS	38°00,5530'N / 007°51,5669'W	



	Sub-estação da União Eléctrica Portuguesa, Sobreda, Almada (com José Antunes da Silva) Unidade Turística do Zimbral, Pinhal do Rei, Caparica
1963	Habitação de Maria Delmar Lindley, Cascais Urbanização da península de Traia Urbanização do centro de Vilamoura, Quarteira (com José Antunes da Silva)
1965	Arranjo urbanístico no monumento a Cristo-Rei, Almada Hotel e restaurante na Base Aérea de Beja
1966	Sub-estação da União Eléctrica Portuguesa, S. Francisco, Alcochete Unidade turística hoteleira, Costa da Caparica
1967	Habitação unifamiliar do Dr. Mário Neves, Cascais Sub-estação da União Eléctrica Portuguesa, Águeda
1968	Habitação unifamiliar do Dr. Mário Soares, Nafarros
1969	Habitação unifamiliar de José Luís Gil Matalonga Planas, Avelar (com José Antunes da Silva) Prédio de Manuel dos Santos Guia Gameiro, Jr., Belmonte
	OBRAS NÃO DATADAS ATRIBUÍDAS A ESTA DÉCADA:
	Alterações no prédio de Ernesto de Mendonça (loja SEEL), Lisboa (com José Antunes da Silva) Centro de diversões de Monte Gordo (com José Antunes da Silva) Clínica para recuperação de parafíticos (adaptação), Almoçageme Companhia de Seguros "A Nacional", Av. da Liberdade, Lisboa Estudo de valorização da Standard Eléctrica, Lisboa Habitação unifamiliar de Serafim Afonso, Chão de Couce Habitação unifamiliar do Dr. Henrique Moutinho (remodelação), Óbidos Habitação unifamiliar do Dr. Vítor Carmona e Costa, Alcabideche Habitação unifamiliar de Dr. Vítor Carmona e Costa, Biscaila (com José Antunes da Silva) Habitações e comércio no centro de Vilamoura (com José Antunes da Silva) Hotel Residencial, Estoril Monumento a João de Barros, Praia de Santa Cruz Prédio do Dr. Heliodoro Caldeira e outros, Lisboa Projecto de recuperação do Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel (com Francisco Silva Dias e António Pinto de Freitas) Remodelação da fachada da empresa "A Fiandeira" de Avelar Restaurante da União Eléctrica Portuguesa, Lisboa Restaurante no Alto da Serafina, Monsanto Sede do Metropolitano de Lisboa, Sete-Rios, Lisboa Sub-estação da União Eléctrica Portuguesa, Palmela
	ANOS 70
1970	Habitação unifamiliar de Maria Amélia Freitas, Torres Vedras
1971	Filda, Feira das Indústrias de Luanda, Angola

14 Diário do Alentejo
20 setembro 2011

“

Foi nestas andanças que dei os meus primeiros passos na língua alemã, ora arranhando o que ouvia, ora tentando ler as páginas das revistas que, também elas, vinham da Alemanha, recheadas de notícias e ilustradas com mamãs e rabos, que me eram oferecidas, as revistas pois claro, para aprofundar o conhecimento da língua”.

Fotorreportagem

Texto: João Espinho Fotos: José Ferrolho

Memórias de um Bairro Pergunta-me o director do “Diário do Alentejo” se sou moço para fazer uma crónica sobre o “Bairro Alemão”, uma crónica de memórias pessoais e históricas. Não sei se tenho engenho para verter numa crónica as lembranças de um bairro da minha cidade que, dizem, é um exemplo de como deveriam ser todos os bairros das nossas urbes. Aqui fica o que consegui relembrar. O Bairro Alemão traz-me à memória episódios e vivências diversas, espaçadas em tempos distintos e com intensidades desiguais. Num primeiro tempo – estou a falar de 1969, princípios de 70, o Bairro Alemão era um sítio onde viviam cidadãos estrangeiros cujas casas tinham



aquecimento em todas as assoalhadas, onde não faltavam tapetes largos e, nos quartos, de dormir, camas gigantescas desprovidas de lençóis mas abastecidas com umas coisas cheias de penas, de pato diziam eles. Do que eu mais gostava, nesse meu tempo com pouco mais de 10 anos de idade, era poder deitar-me nas alcátuas, junto a armários onde tudo cabia, e desfrutar das aparelhagens de som que faziam ecoar a estereofonia que me entrava pela cabeça através de auscultadores, uma coisa criada para, também, não incomodar os vizinhos. Foi nestas andanças que dei os meus primeiros passos na língua alemã, ora arranhando o que ouvia, ora tentando ler as páginas das revistas que, também elas, vinham da Alemanha,



recheadas de notícias e ilustradas com mamãs e rabos, que me eram oferecidas, as revistas pois claro, para aprofundar o conhecimento da língua. É em 1973, no Bairro Alemão, que apanho boleia para ir, pela primeira vez, visitar a Alemanha. Lá chegado, percebi que o bairro em Beja tinha sido “copiado” de tantos outros existentes na Alemanha e que a estereofonia, afinal, não habitava em todos os lares alemães. Os seios e corpos despidos, esses sim, estavam em todas as bancas de revistas. Assim como o cheiro dos produtos para as máquinas de lavar roupa e a possibilidade de assistir, ao vivo, ao “Dark Side” dos Pink Floyd. Por razões irrelevantes para esta crónica, o Bairro

15 Diário do Alentejo
20 setembro 2011



Alemão passa a década de 1970 quase desocupado de alemães. A política externa alemã e o 25 de Abril ditam a redução de habitantes no bairro. Em 1980 a comunidade alemã regressa a Beja e o bairro toma uma nova vida. A Casa Alemã é o centro de tudo o que é novo, a discoteca é o ponto de atracção nocturna, a cerveja começa a fazer parte dos hábitos bejenses e a típica gastronomia alemã entra nos lares da nossa cidade. As festas e hábitos alemães são, nessa década, uma marca do Bairro Alemão: o Carnaval, com cinco dias de folia, a tentar reviver as festividades carnavalescas de Colónia; o baile de Maio, com mesas recheadas e orquestras germânicas; a Oktoberfest faz da cerveja



uma festa e do pernil de porco uma estranha iguaria; o Bazar de Natal, com multidões a contribuir para associações carenciadas, numa forma de estar a que, ainda hoje, não nos habituámos, passou a fazer parte do calendário bejense. A Cultura também regressou ao bairro, com iniciativas nas diversas áreas. Foi também no Bairro Alemão que Beja viu, em directo, a cerimónia da reunificação da Alemanha, decorrente da queda do Muro e do fim da Alemanha comunista. O Bairro Alemão deixou de existir em 1994. Hoje é o Bairro da Força Aérea Portuguesa. A história do Bairro Alemão está por fazer, assim como por fazer está a história da presença alemã em Beja.

esta crónica não respeita a nova ortografia

Base: A Guerra Fria passou por Beja sob a forma de uma pista de aviação

Entrevista a Antonio Muñoz Sánchez, investigador de pós-doutoramento no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Texto de Paulo Barriga, in Diário do Alentejo, 8 de Outubro de 2018

Como é que um historiador que se debruça sobre as relações do socialismo alemão com o socialismo espanhol chega ao tema da base aérea de Beja?

Porque as duas coisas estão intimamente ligadas. Às vezes idealizamos a relação de Willy Brandt com Felipe González e também com Mário Soares. A alta política internacional não sabe nada de amizade, só sabe da mais descarnada defesa dos interesses nacionais. Se durante as transições democráticas, os socialistas alemães ajudaram massivamente o PS e o PSOE, foi apenas para tentar contrapor ao comunismo que ameaçava tomar o poder. A Alemanha tinha-se convertido desde os anos 60 em aliada estratégica dos regimes de Salazar e Franco, graças aos quais pôde, entre outras coisas, construir em Beja a sua única base militar no estrangeiro. Neste contexto, a prioridade para os alemães era a relação cordial com o governo de Lisboa, e não com aqueles que o combatiam, como os socialistas.

O que pretende dizer quando afirma que a base alemã de Beja é uma cicatriz da guerra fria no interior do Alentejo?

A base é filha do período mais quente da Guerra Fria. Em finais dos anos 50 do século XX, a República Federal Alemã vivia angustiada pela possibilidade de um ataque da União Soviética e procurava um refúgio para as suas tropas a partir do qual pudesse organizar, com ajuda da NATO, uma contraofensiva para recuperar o seu território ao Exército Vermelho. A melhor solução encontrada foi Portugal que, por assim dizer, serviu de pano para secar o suor frio dos alemães, provocado mais pela sua natural teimosa do que pelo perigo real de uma invasão soviética

A base de Beja foi a moeda de troca que Portugal utilizou para receber apoio militar e financeiro da Alemanha para alimentar as guerras em África? Durante anos a propaganda do Estado Novo salientava que Portugal estava orgulhosamente só...

A pretendida orfandade internacional de Portugal foi um dos grandes mitos do salazarismo e, de forma bizarra, ainda hoje goza de boa saúde. O País era membro fundador da NATO... Isolamento internacional é bem diferente disso. Alguém pode realmente imaginar que um país pobre como Portugal podia manter, unicamente com as suas forças, uma guerra em três territórios a milhares de quilómetros da metrópole, durante mais de uma década, sem ser derrotado? Não, a ajuda externa existiu e foi massiva. Fundamentalmente veio da Alemanha Ocidental e da França, que queriam, por um lado, conter o avanço do marxismo em África e, por outro, fazer imensos negócios com o Estado Novo.

Mas o que pretendia em troca, de facto, a República Federal da Alemanha com este acordo global de cooperação militar?

Basicamente conseguir de Salazar a autorização para converter Portugal no refúgio de dezenas de milhares de soldados e material de guerra que devia ser retirado da Alemanha provisionalmente no caso de uma invasão soviética. A base de Beja, com capacidade para centenas de aviões da Luftwaffe, seria o elemento central, mas também seriam construídos portos seguros para os barcos da marinha alemã, hospitais para receber os soldados feridos em combate contra os soviéticos, instalações para munições, etc.. A presença militar em Portugal seria coordenada a partir do Marquês de Pombal, em Lisboa, onde no início dos anos 60 se instalou a “Delegação Militar Alemã em Portugal”, dirigida pelo comandante Herbert Becker. Este militar acabaria por ser o encarregado das obras da base de Beja e o responsável pela gestão das facilidades reservadas à Bundeswehr no aeroporto militar de Alverca e no porto de Setúbal. A base de Beja era um verdadeiro “projeto mamute”. Contemplava a criação de uma instalação militar com a maior

pista de aterragem da Europa [quatro mil metros], bunkers, depósitos, torres de controlo, etc.. A base seria servida por cinco mil militares e civis alemães e por três mil portugueses. Para acolher esta nova população em Beja seria construído um bairro a norte da cidade com 1500 vivendas, duas igrejas (uma católica e outra protestante), uma escola, um hospital, uma rua comercial e um enorme local de lazer.

Este é um acordo bilateral ou a NATO estava ao corrente e concordava com os termos do mesmo?

Foi um acordo bilateral, dentro do marco de cooperação previsto entre membros da NATO. Realmente, o desejo do governo de Konrad Adenauer era que a base se construísse em Espanha. O ministro da defesa, Franz-Josef Strauss, tratou secretamente o assunto com o governo de Madrid e só quando as negociações estavam muito avançadas informou os aliados da NATO sobre o projeto. Mas Londres, Washington e Paris não gostaram em absoluto desta iniciativa alemã e “passaram” a notícia para a imprensa que apresentou o intuito de Bona como uma reedição da amizade Hitler--Franco. Na sequência do escândalo, a RFA abandonou o projeto em Espanha. Imediatamente, Strauss propôs a Salazar a construção da base em Portugal. O ditador português aceitou a oferta que abria a porta a uma aliança estratégica com a RFA. Estávamos nas primeiras semanas de 1960.

A manutenção da ditadura portuguesa era, para o governo da RFA, um mal menor face ao suposto avanço mundial do bloco comunista?

Alemanha e Portugal eram membros da NATO, isto é, “irmãos de armas” na luta contra o inimigo comum que era o comunismo. Mas as relações entre os dois países nem sempre foram calorosas. Para a direita alemã, que governou de 1949 e 1969, para os conservadores, Salazar era uma figura grande

da história europeia e o seu regime era considerado o sistema apropriado para governar Portugal, adaptado ao carácter nacional e às tradições lusitanas. Já os socialistas estavam cientes de que Salazar era uma desgraça para Portugal, mas pelo menos lá fora não era tido como um criminoso como Franco. Willy Brandt desejava contribuir para que Portugal fosse um dia livre, mas entendia que isto não se alcançaria pela pressão externa. No entanto, a Europa podia ir promovendo a lenta transformação do Estado Novo numa democracia.

A base era destinada exclusivamente a treinos militares convencionais ou alguma vez se equacionou a instalação de armas nucleares, especialmente após a crise cubana dos mísseis, em 1962?

A base foi planificada nos anos 1960-62 quando ainda existia o temor da inovação soviética. Mas é precisamente a crise de Cuba que muda a relação entre as duas superpotências. O perigo real de guerra nuclear fez com que Moscovo e Washington percebessem que era preciso inaugurar um período de distensão e diálogo entre os dois blocos. Esta realidade tornava, em grande medida, inútil o projeto da base de Beja na forma como tinha sido concebido. A nova doutrina da NATO de flexible response não previa a deslocação massiva de tropas da RFA para fora do seu território perante uma ofensiva da URSS. Desta forma, quando, em 1965, a base ficou operacional, a sua função estratégica estava já ultrapassada. Mas o projeto gigantesco onde se tinham investido muitos milhões de marcos não podia, porém, ser abandonado. Por isso, em 1967, o governo de Bona decidiu redefini-lo. A base passava a ter como função fundamental a formação de pilotos da Luftwaffe. Consequentemente, o contingente de militares colocado na base seria reduzido drasticamente o que fez com que, por exemplo, o bairro alemão não atingisse a dimensão inicialmente

prevista.

Como é que um homem como Willy Brandt, Nobel da Paz, justificava este relacionamento tão próximo com a ditadura portuguesa?

Ele acabou por impulsionar uma política de boas relações com Lisboa e, ao mesmo tempo, de aproximação à CEE, com o objetivo não de atacar de frente a ditadura, mas antes de alimentar as tendências “aberturistas” dentro do regime. O problema é que as relações com Portugal já estavam “marcadas a fogo”, pela cooperação militar, há vários anos. Confiado na vontade de Caetano de por fim à guerra assim que o exército português solidificasse uma posição de força, Brandt manteve a venda de armas a Lisboa, pelo que acabou sendo acusado de conivência com os crimes cometidos em África pelo exército português.

Há uma altura em que as razões da economia se sobrepõem à geoestratégia para manter o relacionamento entre Bona e Lisboa, assim como a manutenção da base aérea de Beja em funcionamento?

Realmente, a base de Beja deixa de ser relevante do ponto de vista estratégico a partir de finais dos anos 60. A Alemanha podia ter renunciado a ela e também redimensionado a cooperação militar com Lisboa. O problema era que, entretanto, graças à cooperação militar, a Alemanha tinha conseguido uma penetração económica muito grande em Portugal, a qual foi impulsionada pelo próprio governo de Lisboa. Se os alemães tivessem retirado a ajuda militar ao Estado Novo, era mais do que certo que Salazar responderia com medidas que iriam prejudicar gravemente as numerosas empresas alemãs que se tinham instalado em Portugal. Além disso, não permitiria a participação de empresas como a Siemens no gigantesco negócio que se abria em Moçambique com a construção da barragem de Cahora-Bassa.

De que forma os militares portugueses de Abril lidaram com a presença em território nacional de elementos de um exército estrangeiro que até tinha apoiado o regime anterior?

Aqui apenas posso especular. Perguntei uma vez a Otel Saraiva de Carvalho se no plano de operações para o golpe se contemplava, de alguma forma, as tropas alemãs estacionadas

em Portugal. Os revolucionários talvez pudessem temer que os alemães ajudassem as unidades fiéis ao regime. “Nada disso”, disse-me Otel. Os alemães sempre se tinham comportado de forma totalmente neutral nos temas da política interna portuguesa e não considerou que pudessem ter qualquer reação quando as tropas entrassem em Lisboa.

O exército alemão sabia antecipadamente que estava em vias de acontecer uma revolução em Portugal por aqueles dias?

Sigo com a especulação: uma dirigente do partido social-democrata alemão disse-me que às seis da manhã do dia 25 de Abril ouviu na Radio France que as tropas estavam nas ruas de Lisboa. Imediatamente ligou ao hotel de Mário Soares, que estava por esses dias em Bona. Depois, ligou ao ministério da defesa alemão. Estes responderam com alguma ironia que sabiam há muitas horas o que estava a acontecer. É muito possível que alguém envolvido ou conhecedor do golpe tivesse informado os alemães. Em todo o caso, este é mais um ponto, aliás anedótico, de uma história importante da qual pouco ou nada sabemos, a da presença militar alemã em Portugal durante a última fase do Estado Novo.

A base aérea de Beja é um dos principais monumentos à Guerra Fria que existe na Europa. Vê com bons olhos a sua transformação em terminal civil?

A base de Beja é efetivamente um monumento da Guerra Fria. Na Europa há muitos e talvez muito mais relevantes. Mas em Portugal, sem dúvida, é um dos mais impressionantes. A sua relevância histórica é clara. A base foi uma peça no complicado xadrez diplomático-militar que permitiu ao Estado Novo manter o esforço bélico em África. Foi também um fator de dinamização das relações luso-alemãs, facto que se transformou num motor fundamental do processo de modernização e europeização do País a partir de meados da década de 1960. Além da sua dimensão geoestratégica, a base deixou uma pegada profunda na realidade social alentejana. A base, enfim, não é um monumento arqueológico, é uma realidade viva. O profundo desconhecimento que em Portugal se tem dela só se pode explicar por um motivo: estar situada no Alentejo profundo, longe do centro de poder e do

interesse dos media capitalinos. Que Lisboa continue a crescer de forma monstruosa ao mesmo tempo que o interior do País permanece abandonado, parece-me realmente inacreditável. Que ninguém tome a sério a opção de Beja como aeroporto principal para o Sul de Portugal, só se pode entender, do meu ponto de vista, pelo autismo doentio do centralismo lisboeta.

Beja: Bairro da Força Aérea tem mais de duas centenas de apartamentos desabitados.

Lidador Notícias, 17 de Dezembro de 2018

Texto de Teixeira Correia

A Força Aérea (FA) não o admite, mas são mais de duas centenas, os apartamentos fechados no antigo Bairro dos Alemães, localizado na zona Sudoeste de Beja. Só no edifício conhecido como a “Torre”, os 10 pisos tem 60 apartamentos abandonados, alguns no topo do prédio servem de dormitório aos pombos. Em resposta a questões colocadas pelo Lidador Notícias (LN), o Gabinete de Relações Públicas da FA, faltando à verdade, assume somente que edifícios vagos no bairro “existe um edifício devoluto, com 41 apartamentos, que se encontra encerrado há mais de uma década, vulgarmente designado por “Torre”, justificam. Como se pode comprovar pela bateria de campainhas à entrada do edifício, são 60 os apartamentos, depois o edifício funcionou até há meia dúzia de anos como Alojamento dos Oficiais em Trânsito, tendo em finais de 2011 sido visitado, pelos menos duas vezes, por militares da Coreia do Sul, quando se estudava a instalação na BA11, de uma escola de formação avançada de pilotos de aviões de combate, incluindo 25 caças T-50 Golden Eagle.

O Bairro Residencial foi construído há 50 anos com a chegada das unidades de instrução da Força Aérea Alemã (Deutsche Luftwaffe) e tem um total de 330 habitações. Trata-se de uma zona residencial composta de arruamentos, parques de estacionamento, zona verdes e diversas instalações de apoio social. A partir de 1993 e com a saída dos alemães de Beja, o bairro passou para a posse da FA e está sob a administração direta do Comando da Base Aérea (BA) 11, através do chamado Grupo de Apoio da unidade. Os militares residentes do bairro pagam por um apartamento T3, entre 40 e 50 euros/ mês, tendo que deixar os apartamentos depois de passarem à situação de Reserva ou deixaram em definitivo a Força Aérea.

Apesar da falta de habitações em vários setores da sociedade civil em Beja, nomeadamente, por parte da Câmara Municipal, Instituto Politécnico (IPBeja), PSP e Hospital, e da

degradação e abandono a que bairro residencial está vetado, a FA não se mostra disponível para fazer protocolos de cedência para arrendamento. A situação toma proporções de anedotismo, quando é público que o Regimento de Infantaria 1, unidade operacional do Exército, vai receber 50 cidadãos refugiados procedentes da Eritreia.

O caso já mereceu discussão numa das reuniões do Executivo da autarquia de Beja, tendo o presidente da Câmara justificado que “era muito bom que existissem muitos bairros com a dimensão e a qualidade desses habitações, bem como o seu planeamento”. O autarca reforçou que apesar do seu estado, se a “Torre” fosse intervencionada “teria uma capacidade de alojamento muito útil que poderia resolver alguns problemas habitacionais”, rematou.

A Câmara Municipal vai reabilitar imóveis para arrendar a jovens casais, num investimento estimado de 1,1 milhões de euros. A edilidade pretende criar 16 fogos para casais até aos 40 anos, com contratos de arrendamento de 5 anos e uma renda entre os 150 e os 200 euros. O IPBeja tem seis residências de estudantes com 405 camas, com a capacidade totalmente lotada. Face a diversos protocolos a instituição tem 379 estudantes estrangeiros, 274 dos quais são dos PALOP e 90% destes estão alojados nas residências, o que leva a que os estudantes portugueses externos à região, não consigam vagas nas residências. Por seu turno, o Comando Geral da PSP lançou um concurso para alugar um apartamento T3, para Casa de Função a ser ocupada pelo futuro 2º comandante do Comando Distrital de Beja. Também no Hospital José Joaquim Fernandes, sente-se o drama da habitação. Os médicos internos que estrão 5/6 anos na instituição “poderiam mais facilmente fixar-se na cidade, caso tivessem alojamento para alugar”, disse fonte hospitalar.

Na resposta enviada das Relações Públicas da Força Aérea, sustenta que já colaborou com instituições da cidade “através da cedência temporária de apartamentos”, assumindo que as habitações existentes no bairro “destinam-se a ser habitadas por militares na efetivação de serviço, colocados na BA11”, rematam.

Beja: Reconfiguração da BA6 (Montijo) leva à transferência de 225 militares para a BA11

Lidador Notícias, 21 de Janeiro de 2019

Texto de Teixeira Correia

O Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (CEMFA), general Manuel Rolo, revelou que a construção do aeroporto complementar no Montijo implicará a transferência das Esquadras 101 da BA 1, em Sintra, e da 502, da BA 6, no Montijo, para a BA 11, em Beja. Falando à Lusa, após uma audiência parlamentar, o general Manuel Rolo revelou que espera para breve, a deslocalização da Esquadra 101 (Roncos), aeronaves Epsilon, que servem missões de instrução elementar e básica da FAP, da Base Aérea 1, Sintra, para a Base Aérea 11, em Beja.

A deslocalização das aeronaves Epsilon e do simulador, bem como a construção de um depósito de combustível e a criação de estruturas de alojamento para os militares são os projetos que têm “mais urgência” e deveriam ocorrer durante 2019, declarou. A retirada dos Epsilon da Base de Sintra é “uma necessidade absoluta” que também decorre da reestruturação do espaço aéreo, disse. O General CEMFA, Esquadra 502 vai para a base de Beja e os helicópteros atualmente naquela base são transferidos para Sintra, entre as alterações previstas.

A Esquadra 101 foi transferida de Sintra para a Base Aérea N.º11 em 1993, regressando, novamente, em 2009, à Casa Mãe da Instrução em Portugal, a Base Aérea N.º1, local onde continua a honrar o seu lema – “...Ensinando os Princípios da Arte.” Mas, é em Beja que, a 26 de julho de 1995, como corolário da sua História dedicada à Instrução na Aviação Militar, é condecorada com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, destinada a “...galardoar serviços de carácter militar relevantes e extraordinários ou atos notáveis de qualquer natureza ligados à vida do Exército, da Armada ou da Força Aérea, de que resulte, em qualquer dos casos, honra e lustre para a pátria ou para as instituições militares do país.” A Esquadra 502 (Elefantes), opera as aeronaves C-295M e na atualidade realiza missões de Transporte Aéreo-geral, Transporte Aéreo-tático, Apoio Logístico, Vigilância Marítima,

Busca e Salvamento, Evacuações Aero-médicas, Lançamentos de Tropas Aerotransportadas, lançamento de carga aérea e Transporte de Altas Entidades.

Entre as obras de reconfiguração das bases, o general apontou ainda a demolição dos paióis localizados no Montijo e “de um ou dois em Beja”, prevendo a construção de um “pequeno paiol” para o armamento e equipamento de sobrevivência ligado aos helicópteros EH 101. Para a base de Beja, segundo o calendário apresentado, serão transferidos 225 novos militares, o que implica a reconstrução e melhoramento das condições de alojamento e messes.

Quanto às necessidades de alojamento fora da BA11, para a deslocalização dos militares e das suas famílias a questão não se coloca. Recorde-se que no passado dia 17 de dezembro, o Lidador Notícias revelou que no Bairro da Força Aérea, em Beja, são mais de duas centenas, os apartamentos fechados no antigo Bairro dos Alemães, localizado na zona Sudoeste de Beja. Só no edifício conhecido como a “Torre”, os 10 pisos têm 60 apartamentos abandonados, alguns no topo do prédio servem de dormitório aos pombos.

Base Aérea nº 11 “vai ser substancialmente valorizada”

Rádio Pax, 12 de Abril de 2019

Paulo Arsénio, presidente da Câmara de Beja, esteve esta semana reunido com João Gomes Cravinho, Ministro da Defesa Nacional. Em cima da mesa estiveram temas como a “infraestrutura aeroportuária de Beja, nomeadamente no que concerne à expectativa de utilização militar da mesma no futuro, bem como a situação do Bairro Alemão, com particular incidência na Torre dessa zona residencial e o possível impacto da alteração do dispositivo da Força Aérea no âmbito da expansão da capacidade aeroportuária do Aeroporto Humberto Delgado”, anuncia a Câmara de Beja. O presidente da autarquia disse à Rádio Pax que a reunião foi “muito produtiva”. João Gomes Cravinho deixou o compromisso de que “o Ministério da Defesa Nacional está atento e vai valorizar substancialmente a Base Aérea de Beja, num futuro próximo”, salienta Paulo Arsénio.

Paulo Arsénio, Presidente da CMB - “Reportámos vários temas na reunião com o Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Gomes Cravinho, nomeadamente a questão urbanística do Bairro Alemão e a sua recuperação, com particular destaque para a torre, que está muito degradada e que é um elemento urbanístico fundamental da estrutura urbana da cidade e do concelho.”

Beja: Empresário pretende recuperar Torre do Bairro da Força Aérea

Lidador Notícias, 17 de Junho de 2019

Texto de Teixeira Correia

Um empresário bejense pretende recuperar Torre do Bairro da Força Aérea (FA), para arrendamento. O investimento seria superior a 1,8 milhões de euros. A FA ainda não respondeu ao empresário. Filipe Cameirinha, empresário do sector da hotelaria, agricultura e vinho, pretende recuperar o edifício conhecido como a “Torre” do Bairro da Força Aérea (FAP), em Beja, para criar apartamentos para arrendamento de curta duração, onde iria investir mais de 1,8 milhões de euros.

As negociações com a Força Aérea começaram no início de 2018, o empresário reuniu, pelo menos três vezes, com os militares, fez uma proposta, chegou a visitar as instalações com o coronel Fernando Costa, comandante da Base Aérea 11, unidade que gere o bairro, e até ao momento não obteve qualquer resposta do Estado-Maior da Força Aérea. “Ao princípio acharam a coisa muito bonita, mas à medida que perceberam que tinha pernas para andar, o assunto começou a esmorecer”, justificou ao Lidador Notícias (LN), Filipe Cameirinha, que acrescenta que “de forma não oficial já me foi dito que o negócio não é viável, porque poderão precisar das instalações, face às alterações motivadas pela possível construção do novo aeroporto de Lisboa, na Base do Montijo”, remata. Antes de contactar a FAP, o empresário contactou a Câmara Municipal de Beja de quem recebeu o aval para o projeto e que serviu de interlocutor entre as duas partes, tendo também dado conhecimento dos factos ao Instituto Politécnico de Beja. “A ideia era fazer um contrato de arrendamento por 30/40 anos, mediante o pagamento de uma renda mensal à Força Aérea, A recuperação do edifício iria ser feita de forma gradual, porque está em muito mau estado de conservação e representaria um investimento nunca inferior a 1,8 milhões de euros”, justifica Filipe Cameirinha.

O jovem bejense, neto de um dos icónicos empresários da cidade, Leonel Cameirinha, salienta que a solução resolvia

diversos problemas: “o mau aspeto que o edifício dá à cidade, a falta de verbas da FAP para o recuperar e criava arrendamentos mais baixos, de acordo com a realidade salarial da região. Todos ficámos a ganhar”, conclui. A família Cameirinha é proprietária de um dos hotéis de Beja e Filipe explica que “temos diariamente a unidade ocupada com espanhóis ligados às empresas a olivicultura, também das empresas que operam no Terminal Civil”, acrescentando que deixava mais opções para o Hospital e o Politécnico “fixar os seus profissionais através do alugares de curta duração, a preços mais acessíveis”, rematou. Para melhor retratar o posicionamento da Força Aérea, e agastado o empresário usa a metáfora do amor: “não fazem, nem deixam fazer. É só para empatar”, conclui.

O LN contactou o Gabinete de Relações Públicas da Força Aérea para saber se as negociações estavam concluídas ou não, se existia uma decisão sobre o assunto e se a mesma tinha sido comunicada ao empresário, o Tenente-coronel Manuel Costa esclareceu que: “a Força Aérea informa que existiram contatos entre as partes, não existindo qualquer desenvolvimento”, remataram. Recentemente o presidente da Câmara de Beja foi recebido por João Cravinho, ministro da Defesa, sobre a mesma situação e a resposta foi a de que “precisam das habitações para os militares”, justificou Paulo Arsénio.

No dia 16 de dezembro, o LN trouxe à estampa que no Bairro da Força Aérea existiam mais de 200 apartamentos vagos, entre eles os do edifício que o empresário pretende recupera.

A “Torre” é um edifício com 10 pisos, com um total de 60 apartamentos abandonados, alguns no topo do prédio servem de dormitório aos pombos, que até há meia dúzia de anos funcionou como Alojamento dos Oficiais em Trânsito, tendo em finais de 2011 sido visitado, em pelo menos duas ocasiões, por

militares da Coreia do Sul, quando se estudava a instalação na BA11, de uma escola de formação avançada de pilotos de aviões de combate, incluindo 25 caças T-50 Golden Eagle.

O Bairro Residencial foi construído há 50 anos com a chegada das unidades de instrução da Força Aérea Alemã (Deutsche Luftwaffe) e tem um total de 330 habitações. Trata-se de uma zona residencial composta de arruamentos, parques de estacionamento, zona verdes e diversas instalações de apoio social. A partir de 1993 e com a saída dos alemães de Beja, o bairro passou para a posse da FAP e está sob a administração direta do Comando da Base Aérea (BA) 11, através do chamado Grupo de Apoio da unidade. Os militares residentes do bairro pagam por um apartamento T3, entre 40 e 50 euros/ mês, tendo que deixar os apartamentos depois de passarem à situação de Reserva ou deixaram em definitivo a Força Aérea.